
BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

UM BRADO A FAVOR DOS MONUMENTOS

Parecer apresentado ao Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes
acerca da projectada destruição do convento das Carmelitas, em Aveiro.

O ponto d'arte publica sobre que fui incumbido de redigir o presente parecer, póde resumidamente formular-se nos seguintes termos:

Convem ou não convem á esthetica de uma cidade e ao seu enriquecimento artistico e material, pois que toda a obra d'arte é um valor economico, sacrificar ao alargamento de uma rua ou á abertura de uma avenida alguns dos seus palacios historicos, dos seus velhos castellos ou dos seus antigos conventos?

Posta em principio esta pergunta generica, uma corporação a que se acha confiada a guarda e a protecção dos monumentos nacionaes, não póde evidentemente, uma vez que se trate de substituir o relevo de uma architectura pelo vasio de um chão, deixar de responder pela mais formal denegação.

Nos grandes centros de população em progressivo incremento, a necessidade imperiosa de immolar ás exigencias da hygiene e da urbanisação um, ou mais de um antigo edificio d'alguma importancia historica ou artistica, é simplesmente um desastre, sempre lamentavel, ainda que, todavia, sempre limitado e restringido, pelo valor do monumento ameaçado. É claro que nenhuma argumentação de conveniencia hygienica ou de utilidade urbana determinaria jámais que, sob qualquer pretexto, se fizesse desaparecer Notre-Dame ou a Sainte Chapelle em

Paris, Westminster em Londres, o palacio da Justiça em Bruxellas, ou o Vaticano em Roma. Demonstração consoladora de que, independentemente de qualquer intervenção da archeologia, da critica, ou da lei, perante a simples consciencia publica dos paizes civilisados, os altos interesses da arte predominam absolutamente sobre todos os demais interesses da civilisação. Para todo o homem bom, ainda que inculto, o desaparecimento de um monumento que elle conheceu de pequeno, e de pequeno inconscientemente, irraciocinadamente se habituou a amar, é como que uma amputação dolorida e saudosa do seu proprio ser. Parece que um mysterioso instincto de conservação e de aperfeiçoamento moral da especie, suggere a cada homem que—como se lê na Sagrada Escripura—as obras realisadas pelos antepassados são o engrandecimento da nossa gloria e a perpetuação do nosso nome.

Nas cidades provinciaes, onde não existem, como nos grandes centros, as necessidades de expansão em novos bairros, a demolição de um monumento já não é sómente um desastre, é tambem um erro.

A missão das pequenas cidades differe inteiramente, perante as leis do equilibrio social e do equilibrio economico, da missão das grandes capitaes.

Estas são fócios d'attracção, tendo por função reunir na séde dos poderes deliberativos todo o numeroso e variado pessoal, que pelo seu conjuncto de energias determina a participação de cada povo no colectivo movimento internacional a que se chama progresso.

A vida das capitaes, pelo seu intuito de communicabilidade, de penetração, e de concorrência, tende a cosmopolitizar a multidão, a absorver, a desgastar, a desnacionalisar o individuo. São as provincias que, por sua contribuição de sangue, successivamente inoculam na população das capitaes a fecunda seiva ethnica, que nella successivamente se abastarda e se dessora; as villas e as pequenas cidades provinciaes são os preciosos repositórios de todas as vivas forças da raça. Ellas são em Portugal as reclusas guardadoras da casa portugueza, da integridade do seu lar, do respeito dos seus penates, da interpretação authentica dos seus arcanos. Representar o passado é a sua missão, o seu destino, a sua força, o seu proveito e o seu encanto. É nas cidades da provincia que a tradição vive, e é por ellas que a tradição se perpetua nos usos e nos costumes regionaes, na graciosa e intima sinuosidade das suas ruas tortuosas e estreitas, carinhosamente enlaçadas, no desafo dos seus adros, dos seus rócios e dos seus terreiros, na ale-

gria dos seus campanarios, nos seus methodos de edificação e de cultura, na divisão interior dos apartamentos da casa, no systema das portas e das adufas, no mobiliario, nos utensilios domesticos, nas alfaias agricolas, nas danças, nas cantigas, nas historias á lareira, nos anexins correntes, no vocabulario, na syntaxe, na phonetica da lingua. Descobre a ethnographia do povo portuguez, o seu character nativo, as suas hereditariedades, os seus atavismos, a sua sensibilidade esthetica, a sua aptidão artistica, o seu poder creativo, quem não conhecer os intimos aspectos da sua vida provincial. É nos rascantes e sadios contactos do nacionalismo da provincia que os artistas se desenxovalham, se relutam e se desinfectam das contaminações da rotina avariada pelos pedantes e pelos charlatães academicos, embebendo-se de originalidade nas fontes da inspiração popular, como o triumphante sapateiro de Wagner em concurso com a estafada e exangue erudição dos mestres cantores. É nas romarias, nos arraiaes, nas feiras beirôas, minhotas e alemtejanas que os mesmos escriptores aprendem como se póde de novo falar e escrever, sonora, cantante, colorida, illuminante e rija, a mesma lingua que os litteratos, esmoendo-se em si mesmos, desfibram, dessoram e agelatinam. ao cabo de dois ou tres annos de safado giro profissional.

D'estas summarias e vulgares considerações me parece deduzir-se que o primeiro dos deveres administrativos numa cidade provincial deveria ser o de manter e afervorar quanto possivel o culto de todas as tradições locaes e o carinhoso respeito de todos os seus vestigios. Para este fim, nunca desfigurar os antigos aspectos geraes do passado, manter os primitivos nomes das velhas ruas, facilitar o estudo e a catalogação de todos os monumentos escriptos nos cartorios publicos e particulares, crear o museu ethnologico e o museu industrial da região, auxiliar a compilação do Folk-Lore, crear sociedades orpheonicas para desenvolvimento e cultura da musica popular, repôr em voga os antigos jogos tradicionaes de dextreza e de athletismo, promover exposições e concursos periodicos de industrias populares e de industrias caseiras, crear entre os homens mais cultos e mais honrados associações protectoras da arte local, e — *sobretudo* — impedir, não só que se destrua, mas que se deteriore, que se desacate, que se oblitere, que se deshonne por meio de superfetações absurdas ou de restaurações ineptas qualquer edificio publico da sua circumscripção.

Succede, porém, com afflictiva frequencia, que os altos poderes

districtaes e municipaes parece que em Portugal ignoram todas estas cousas, elementares em paizes de não superior importancia politica ou geographica, como a Belgica, a Hollanda, a Dinamarca e a Suecia.

É á conservação dos seus antigos monumentos architectonicos, e quando digo *monumentos* não é sómente a castellos, a palacios ou a cathedraes que me refiro, mas a simples e modestas casas burguezas do seculo quatorze e do seculo quinze—que algumas cidades, como Nuremberg, Rouen, Gand e Anvers devem o prestigioso encanto que as torna objecto das constantes romagens de todos os *touristes*. O que são Colonia, Chartres, Amiens, Strasburgo, Toledo, Burgos e Santiago de Compostella, senão os nomes de outros tantos logares que as suas maravilhosas cathedraes tornaram immortalmente celebres?

Em Bruges ha um antigo hospital côm cinco seculos de idade, onde Memling esteve doente, e onde, convalescente, elle pintou para delicia das irmãs beguinas que o trataram, o famoso relicario de Santa Ursula. Não é unicamente essa incomparavel joia da mais preciosa pintura do seculo quinze que ainda se conserva no hospital de S. João de Bruges. A botica, com os seus velhos boiões e seus archaicos almofarizes, é ainda hoje a do tempo de Memling. Irmãs beguinas, com o mesmo habito azul e branco da fundação da commuidade, continuam servindo a enfermaria e a pharmacia. E no silencio çlaustral d'esses modestos muros caiados de branco, o tenue rumor, quasi ethereo como um vôo, de uma beguina que perpassa, leve, pallida, diligente e commovida, basta, na cidade de Bruges, cognominada a *Morta*, para deixar para sempre no ouvido de todo o peregrino que uma vez ali esteve, um filtro de ineffavel e immortal melodia que lhe gotejou na alma e que a mais estridente orchestra da civilisação viva jámais conseguirá deslocar ou dissolver.

Na administração da provincia portugueza o desdem deshumano pela poesia do passado, o monstruoso desacato da tradicção patria, tem-se recentemente aggravado por um estranho delirio contagioso e epidemico. É a mania das grandezas, manifestada na dimensão das vias publicas. É a vesania opposta á agoraphobia. Os alienistas dirão se lhe posso chamar agoramania. É este achaque impulsivo que estamos vendo arrastar as mais estreitas povoações para o desequilibrado appetite das mais largas ruas.

D'este andaço tem resultado em varios sitios a demolição de preciosos monumentos architectonicos, condemnados a ceder o seu logar

a hyperbolicas avenidas descommunes, inteiramente inuteis para as necessidades da hygiene e da viação publica, sem outro prestimo que não seja fabricar lama ou fabricar poeira, desabrigar o transeunte do rigor de todas as intemperies, destruir insensatamente a ponderação harmonica dos mais graciosos e caracteristicos conjunctos de affavel povoamento, e estabelecer, emfim, pretexto para arvorar a uma esquina, numa placa de louça azul e branca, o nome ostentoso de *Avenida*, por via de regra conjugado com o de algum grande personagem exotico, que nunca lá passou, que nunca ninguem d'aquellas redondezas viu e que apenas mui vagamente é conhecido dos povos pela singular bizzaria de superiormente haver mandado applicar á sua avenida d'elle, o dinheiro dos outros.

Assim vimos ainda ultimamente desaparecer o interessante conventosinho do Paraizo em Evora, e em Beja o sumptuoso paço dos infantes, e o incomparavel convento da Conceição, um dos mais ricos e dos mais aristocraticos de Portugal.

A concomitante restauração da egreja da Conceição, interiormente desfeita, refeita, completamente estragada, e hoje em abandono, cabe o privilegio de ser o mais espantoso de quantos desacatos se teem perpetrado, e como tal lhe cabe o logar de notavel curiosidade nos roteiros d'arte.

Na casa de Victor Hugo, em Paris, na casa de Goethe em Franfort, reuniram-se cuidadosamente todos os objectos que podiam documentar a existencia domestica d'esses dois escriptores.

Poz-se em cada uma d'essas casas um guarda á porta, uma bilheteira e um torniquete; e cada uma d'ellas é ao mesmo tempo um curioso objecto de estudo e uma inexgotavel fonte de permanentes lucros pecuniarios. O convento da Conceição de Beja, resguardado durante seculos de toda a contaminação exterior, recheiado — no seu mobiliario, no seu cartorio, na sua collecção d'arte, nas suas cellas, uma d'ellas a da *Religiosa Portuguesa*, no seu refeitório, nas suas cozinhas, nas maquinas dos seus sanctuarios, no seu côro, no seu claustro, na sua cerca,—das memorias mais intimas das senhoras da primeira nobreza de Portugal, que em gerações successivas o habitaram por espaço de quatrocentos annos, seria o mais inapreciavel dos museus historicos, infinitamente mais interessante que o de todas as casas particulares em exposição no mundo. Sómente, ao expirar da ultima monja, não occorreu uma cousa tão simples, como seria entregar esse valiosissimo do-

cumento sociologico á curiosidade do mundo. Não lembrou secularisal-o pelo simples addicionamento de uma bilheteira.

Pareceu mais sabio, mais economico, mais elucidativo, mais documental, mais civilizador e mais humano deitar ao monturo do *bric-à-brac* o recheio da commuidade e arrazar o edificio.

Na superficie do solo ainda hontem occupada pelos conventos da Conceição e do Paraizo, para attracção de viajantes, para documento de historiadores, para estudo de criticos, para contemplação de philosophos, para admiração de estrangeiros, e para proveito, riqueza e brazão das cidades de Evora e de Beja—em vez de dois monumentos ha hoje duas ruas.

É sob a ameaça de uma analoga catastrophe que neste momento se encontra a linda cidade de Aveiro, de tão especial encanto, pela graça dos seus contornos, pela variedade das suas culturas, pelo trabalho das suas industrias, pelos originaes aspectos da ria, pelos pittorescos bracejamentos do Vouga por entre cearas, envolvendo-a e coroando-a como de um virente e luminoso diadema d'agua e de verdura.

Eis aqui o facto:

Pela direcção das obras publicas do districto fez-se o projecto de uma avenida, destinada a prolongar o largo do Terreiro, onde se está concluindo a construcção de uma casa espaçosa e encaracteristica, destinada a séde de repartições publicas.

Segundo o alludido projecto a nova avenida teria cento e oito metros de extensão, por quarenta de largura e iria desembocar, pelo extremo opposto ao terreiro, na rua Direita da cidade, a qual, por singular contraste de contiguidade, não chega a ter quatro metros de largura. A principal fachada do novo edificio constitue a face occidental do terreiro, que mede quarenta e dois metros por trinta e seis e quarenta centimetros. Á parte oriental o edificio do convento das Carmelitas, com entrada por uma das quatro ruas que no largo desembocam, avança de alguns metros paralellamente ao edificio novo. Em continuação do convento e na mesma linha da sua fachada sul-norte, face occidental do largo, ha tres predios de pequenas casas terreas. Demolindo estas casas e cerceando ao convento uma parte da sua cerca, poderia abrir-se a avenida que se projecta com uma largura de vinte e nove metros e sessenta centimetros. Ora vinte e nove metros e sessenta centimetros de largura, communicando com um largo servido por mais tres arterias e desembocando numa rua interior da cidade, que tem

apenas de largura tres metros e oitenta centímetros, creio eu ser uma largura de via antes excessiva do que insufficiente.

O projecto, porém, não se contenta com este desafogo que deixaria em pé e intacto o edificio do convento, daria um bom e solido cunhal de casa nobre ao Terreiro e á futura avenida. O projecto parece afagar a insuperavel ambição conquistadora dos grandes espaços vazios, e para o fim de dar á sua avenida a descomedida ensanchar de quarenta metros prefixos, em vez da rasoavel largura de vinte e nove metros e sessenta centímetros, resolve extrahir do convento uma talhada monstruosa, cortando-lhe transversalmente o vestibulo da portaria e supprimindo-lhe metade do claustro, formado por quatro galerias de arcos semi-circulares de cantaria com a sua fontesinha ao centro.

Na planta que junto a esta noticia, se designa a linha do córte a que me refiro. Photographias, que acompanham a referida planta, representam um dos aspectos do claustro e uma das fachadas do convento. Esses testemunhos graphicos me dispensam de mais explanações descriptivas.

Realisada a obra que se projecta, á nova avenida, em vez de fazer face a fachada de um edificio, faria vergonha uma empena ou um tapume encobrendo aos olhos da população a mais barbara das ruinas. E eis aqui como em nossos dias se pretende melhorar e enriquecer uma cidade!

O edificio do convento das Carmelitas, primitivamente palacio da residencia dos duques d'Aveiro, sem ser uma obra monumental, é uma curiosa construcção typica, bastante caracteristica dos usos sociaes e do sentimento artistico do seculo dezesete. A igreja inteiramente forrada de bella talha dourada, com alizares de azulejos, desenhados a azul e branco com alto sentimento decorativo, é um lindissimo especimen do mais genuino estylo da epoca. Uma monographia recentemente publicada em Aveiro e annexa á representação dirigida a Sua Magestade em favor da conservação do monumento, descreve-o com minudencia e fidelidade.

Quasi não ousou encarar a hypothese de que, concorrendo num largo d'Aveiro dois edificios contrapostos, seja absolutamente indispensavel condemnar um para desafrontar o outro. Tendo, porém, de admitir esse absurdo, a minha humilde opinião individual é que seria preferivel arrazar o edificio construido agora, a mutilar o que no seculo dezesete mandou levantar a muito nobre senhora Dona Brites de La-

ra e Menezes, filha do quinto marquez e primeiro duque de Villa Real, viuva de Pedro de Medicis, filho do grão-duque toscano Cosme de Medicis. A honra da minha profissão de homem de letras obriga-me a sustentar que, em comparação de uma casa que tem historia, as que a não têm, não prestam.

Lisboa, tres de maio de mil novecentos e cinco.

(*Diario de Noticias* de 17, maio.)

RAMALHO ORTIGÃO.

A ARCHITECTURA THEATRAL

Bastante depois do *anno terrivel*, em que os desvairamentos da Communa tentaram reduzir Paris, pelas chammas do petroleo, a um montão de cinzas, já a formosa capital da França teve a tristissima oportunidade de presencear tres grandes desastres pelo fogo:— o incendio na Opera Comica, o incendio no baile de caridade e por ultimo o incendio no Metropolitano.

A proposito d'este ultimo, disseram algumas folhas allemãs que o sinistro, a dar-se em Berlim, não teria tão fataes consequencias, attendendo á serenidade e presença de espirito do povo allemão. Ha nesta affirmção, por certo, muito de vaidade patriotica e oxalá que a experiencia não venha demonstrar, em algum caso identico, o quanto ella é talvez infundada. Os factos assim o provam.

Entre a raça allemã e a raça anglo-saxonia existem os mais estreitos laços de affinidade e ninguem dirá que esta ultima tenha menos coragem e sangue frio nas occasiões de perigo. Os soldados e marinheiros inglezes deram sempre, tanto no mar como em terra, as maiores provas de bravura, e ainda ultimamente, na guerra com os boers, o cêrco de Ladysmith demonstrou á saciedade a sua constancia e resis-

tencia. O mesmo succede com os norte-americanos, cuja audacia e temeridade não podem de modo algum ser postas em duvida.

Pois estes valentes, que se não acobardam diante do inimigo, que se sacrificam sem vacillar no campo da honra em defeza da patria e da sua bandeira, que ficam immoveis diante do trovejar da artilharia, pois estes heroes tambem vacillam e se apavoram, quando surge inesperado, em recintos de prazer, algum incidente desastroso.

Foi o que succedeu ultimamente no theatro de Chicago, em que o panico brutalmente se apoderou de todos os espectadores, de modo que o instincto de conservação, em toda a selvageria do egoismo, fez perder o raciocinio, a serenidade, o amor do proximo. O *salve-se quem poder* absorveu imperioso os restantes sentimentos e todos queriam fugir ao mesmo tempo, na confusão do tropel, empurrando-se uns aos outros, esmagando-se, luctando como feras, passando os mais fortes e audazes por cima dos mais debéis.

As proporções dos sinistros nos theatros por motivo de incendio — infelizes tão frequentes — ficariam muitissimo reduzidas, se porventura se podesse evitar o panico. Não é o fogo que devora, ou o fumo que asphyxia, que produzem o maior numero de victimas; é o atropelamento; é a falta de meios, amplos e faceis de evacuar a sala e toda a casa de espectáculo; é o estonteamento emfim dos espectadores, que não sabem como dirigir-se e que encontram em tudo um obstaculo.

A experiencia demonstra que os meios de prevenção actuaes são deficientissimos, quasi inuteis, e que se torna urgente uma reforma radical na architectura dos theatros. Até agora tem presidido á sua construcção a idéa do luxo e da elegancia, ou a idéa do mercantilismo. A' primeira categoria pertence, por exemplo, a Grande Opera de Paris, onde se consumiram cabedaes enormes, para erigir um monumento faustoso, mas onde se não tomaram talvez as precauções indispensaveis para garantir a vida do assistente. A' segunda categoria pertencem os theatros, em que se tem em mira unicamente a exploração lucrativa, aproveitando com toda a economia e até com sovínice o terreno, a fim de diminuir quanto possivel o capital immobilizado. Resulta d'aquí que tudo se reduz a proporções acanhadas, de modo que o espectador fica mettido numa especie de boceta, donde mal póde escapar-se, dado o primeiro signal de alarme.

Seria absurdo retrogradar ao systema de construcção theatral usado

pelos gregos e romanos. As condições artisticas e as condições de vida mudaram completamente e hoje, fóra de uma corrida de touros, ou de qualquer outro divertimento semelhante, não se harmonisariam com os nossos habitos, com a nossa educação e até com o clima os espectáculos ao ar livre. O que é possível, comtudo, é edificar os theatros em condições muito differentes dos actuaes.

O isolamento completo deve ser um dos requisitos imprescindiveis. O theatro D. Maria, sob este ponto de vista, é dos mais favorecidos e nada ha que se lhe dizer. As suas quatro fachadas poderiam servir do mais amplo desafogo, se estivessem convenientemente preparadas e se o espectador se podesse utilizar d'ellas no momento critico. Infelizmente o seu atrio é mesquinho e para ali se converge de todas as partes.

A economia architectonica dos theatros devia fazer-se de tal fórma, que estivessem divididos por zonas. Assim, os frequentadores da plateia deviam ter uma saída especial, de maneira a evitar a confluencia. As escadas poderiam ser substituidas por umas rampas suavissimas. Nas saidas, sobretudo, é que bem conviria empregar o maximo cuidado e esmero e nisto principalmente concentraria o architecto todas as suas attentões. A certeza de que a sala se conseguirá evacuar com extraordinaria rapidez e facilidade tirará todo o motivo de susto, substituindo a hesitação pela confiança. Um novo systema de construção theatral, em que a arte se aproveite de todos os meios que lhe prestam a sciencia, a engenharia e a mechanica, eis um problema que deve preoccupar a imaginação dos architectos, sendo proposto e discutido nos congressos especiaes. Estamos persuadido de que a belleza artistica se poderá conciliar com a segurança e a commodidade, mas quando, porventura, se considere hybrida a sua junção, haja o bom sizo e a coragem de sacrificar a esthetica, que não faltarão outros sitios, e outros edificios onde ella se possa ostentar, com mais utilidade e acerto, em toda a sua pujança.

*
* *

O artigo que escrevemos sobre o novo rumo que os architectos deviam seguir na construção das casas de espectáculo, baseava-se numa necessidade intuitiva e imperiosa, num principio axiomático, e por isso não admira que os homens competentes tenham empregado os seus esforços para realisar o ideal, a que tão anciosamente se aspira.

Os architectos de Vienna d'Austria são dos que marcham na vanguarda d'esta empreza, que bem se póde considerar humanitaria, não se tendo limitado a produzir theorias, antes pondo em pratica os planos que julgam mais adequados á categorica resolução do problema.

As experiencias até agora effectuadas não deram resultado satisfactorio, mas nem por isso são menos dignas de elogio, nem devem levar o desanimo ao espirito dos seus iniciadores. O engenho humano é fertil em recursos inventivos e não sejam as primeiras difficuldades que nos façam abater a confiança no bom exito final.

Na *Causerie scientifique*, publicada no *Temps* de 27 de fevereiro do corrente anno, vem uma nota interessantissima ácerca das alludidas experiencias, a qual vamos reproduzir na integra e no proprio original:

«L'Union des ingénieurs et architectes autrichiens a mis récemment dans le programme de ses travaux la question si importante et si difficile à résoudre de l'incendie des théâtres et des moyens de l'éviter ou d'en conjurer les désastreuses conséquences. Certes, on a déjà beaucoup écrit sur cette matière, et l'on éteindrait un incendie de théâtre, au moins à son début, en déversant dessus les flots d'encre qui ont coulé à ce sujet. Cependant les spécialistes autrichiens paraissent être entrés dans une bonne voie nouvelle en recourant à la méthode expérimentale, utile en architecture et en construction comme, d'ailleurs, en bien d'autres choses.

Ils ont donc construit un théâtre en béton armé de dimensions importantes: la scène a 7 m. 50 de largeur, 6 mètres de profondeur et 7 m. 70 de hauteur; il y a un parterre, une galerie, un rideau de fer, et tout ce qu'il faut pour produire là-dedans tous les accidents incendiaires qui peuvent navrer un théâtre, vieux décors, courts-circuits, lampes mal placées, etc. Enfin, des hublots permettent d'observer du dehors ce qui se passe, et cela sans risquer d'être brûlé ou asphyxié.

Voici les observations faites officiellement en novembre dernier dans cette curieuse installation.

On a fermé les ouvertures supérieures de ventilation de la scène, on a laissé celles de la salle à moitié ouvertes, baissé le rideau ordinaire, éclairé la salle, et mis le feu à la scène préparée pour une représentation. Le succès horifique de cette «première» a été complet. Le rideau s'est gonflé vers la salle comme la voile d'un navire; les flammes, la fumée, se sont précipitées au-dessous de lui, remplissant la salle, éteignant les becs de gaz, les lampes à huile; on n'apercevait plus

les lampes électriques enfumées. La température monta en quelques instants à 400 degrés. Voilà bien le sinistre dans toute son horreur.

On a recommencé dans les mêmes conditions. Mais au milieu de l'incendie artificiel, on a baissé le rideau de fer. Les jets de flamme passant dessous n'en étaient que plus violents, et fauchaient le parterre comme d'énormes langues de feu; le rideau de fer s'est gondolé, et l'air de la salle contenait 8 % d'oxyde de carbone, c'est-à-dire 1,000 fois plus qu'il n'en faut pour être empoisonné, tué net, par le funeste gaz.

Troisième acte. On a ouvert tous les dégagements de la scène dès que le feu a pris, et fermé toutes les ouvertures de la salle, les rideaux restant levés. La salle a fait «cheminée» avec un grondement de tous les diables, et elle est restée indemne; mais quelle chaleur! Et puis, aurait-on le courage de rester dans la salle dans ces conditions? Et le personnel de la scène? Condamné, perdu!

Enfin, on a remis le feu, dégagé tardivement les ouvertures de la scène, baissé le rideau de fer, laissé les ouvertures de la salle fermées: la salle est encore restée indemne avec un peu de fumée; on a fait jouer le «grand secours», qui a produit de la vapeur chaude; mais elle est partie avec la fumée par la scène formant cheminée.

Il y a là déjà des résultats d'observation intéressants et utiles. Les architectes et ingénieurs autrichiens se proposent de continuer et d'étudier de nouveaux cas variés. Ce sera fort instructif, et l'on ne peut que les en remercier».

SOUSA VITERBO.



ARCHEOLOGIA DO THEATRO PORTUGUEZ (1)

POR

J. M. A. Nogueira

1588-1762

Não são muitos e andam dispersos os elementos para a historia do nosso theatro. Succede a este respeito, como a muitos outros, que tudo sabemos e tudo indagamos do estrangeiro, e pouco ou nada do que nos pertence. Não vimos remediar o mal nem trazer obra de valia, mas sómente ampliar a noticia dada no n.º 3685 d'esta folha (31 de janeiro ultimo) sob o título—*Variedades—ácerca do rendimento que o hospital de Todos os Santos recebia das operas e comedias que se representavam em Lisboa.*

As nossas averiguações levam-nos a divergir, não na essencia, de parte da narração ali feita: mas não o estranhe o illustre auctor d'a-

(1) Este precioso estudo de investigação historica ácerca do antigo theatro portuguez e dos privilegios curiosos do Hospital Real foi publicado pelo seu auctor no *Jornal do Commercio* de Lisboa, em folhetins nos numeros de 5, 6 e 12 de abril de 1866. Allí perdido naquella folha diaria, difficil se torna a sua consulta dos estudiosos e impossivel a sua aquisição dos colleccionadores. Dado o reconhecido valor do estudo de José Maria Antonio Nogueira, fallecido em 9 de outubro de 1884, entendemos conveniente reproduzil-o nas paginas do nosso *Boletim*. Os estudos e trabalhos de J. M. A. Nogueira teem sido aproveitados e citados com justo elogio pelos nossos investigadores e eruditos. O sr. Visconde de Castilho, nosso eminente consocio, faz-lhe em diversos volumes da *Lisboa Antiga*, especialmente na nota a pag. 293 do tom. II da 2.ª parte, referencia elogiosa; Ribeiro Guimarães serviu-se muito d'os apontamentos e noticias que Nogueira lhe ministrou, no seu *Summario de varia historia* (1873) e por fim o sr. dr. Theophilo Braga aproveitou d'este estudo sobre o theatro portuguez—“todos os factos que apresenta, dando-lhes uma ordem mais historica.” (*Historia do theatro portuguez*, t. I, pag. 316.)

quella e muitas outras curiosas noticias, que já dão materia para um instructivo volume sobre diversos pontos historicos, porque tambem o padre Balthazar Telles, e mais foi testemunha d'alguns dos factos a que vamos alludir, deixou d'expor com exactidão a historia d'esse rendimento que o hospital percebia, não sendo este o primeiro chronista das corporações religiosas que temos encontrado em desaccordo com a verdade, ao tratarem de varias cousas d'aquelle estabelecimento. Não deslustra isto a justa fama litteraria do auctor da *Historia da Ethiopia* e da *Chronica da Companhia de Jesus*.

Deixemos pois fallar a velha historia do Hospital de Todos os Santos, que assim vem entrelaçar-se, por modo tão alheio ao instituto da mesma casa, na do nosso theatro, desde os annos de 1588 a 1762.

Não interessam, no que toca propriamente ao estudo e apreciação da arte dramatica entre nós neste largo periodo, as noticias que pudemos colligir; mas, se considerarmos que, do theatro anterior a 1588, pouco mais sabemos que os nomes de Gil Vicente, infante D. Luiz, Antonio Ribeiro Chiado, Antonio Prestes, Jorge Pinto, Jeronymo Ribeiro Soares, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Balthazar Dias, Simão Machado, Antonio Pires Gonge, Sebastião Pires, Antonio Pires, João de Escobar (seguidores da escola de Gil Vicente) e Sá de Miranda, Ferreira e o grande Luiz de Camões (cujas obras ou são raras ou poucos lêem); —que o theatro era do rei e só para o rei e sua côrte,—não será de certo para desprezar, sem quereremos engrandecer a obra, o que conseguimos inquirir ácerca do theatro do povo — *os pateos das comedias*.

Encontrámos noticia dos seguintes: o das *Fangas da Farinha*, que existiu no local onde hoje está o Tribunal da Boa Hora; o da *Bitesga*, ou *Mouraria*, situado nalgum dos sitios que ainda conservam o mesmo nome, mas em logar que ignoramos; o da *rua das Arcas*, no local que apontaremos; o dos *Condes*, na rua assim denominada; o do *Bairro Alto*, ao fim da rua da Rosa no pateo do Conde de Soure. A outros logares em que tambem se representaram operas, comedias ou se mostraram *presepios* ou *bonecos*, não damos o nome de pateos, para irmos accordes com os documentos examinados.

Estamos convencidos, e o leitor o decidirá, de que nos assiste fundamento para dizer que não houve, na epocha alludida, mais pateos ou theatros em Lisboa. Diremos o que pudemos averiguar ácerca de cada um; mas vejamos primeiro, porque interessa, a origem do direito do hospital á cobrança do rendimento das comedias.

Ao que parece, era costume em Hespanha applicar aos estabelecimentos pios uma parte do producto dos espectaculos publicos. Para aqui o introduziu a dominação castelhana que, como já dissemos neste jornal, não abandonou a sorte dos enfermos pobres e expostos, antes a protegeu.

Por alvará de Filippe II, de 20 de agosto de 1588, foi ordenado — «que nesta cidade de Lisboa se não possam representar comedias em geral, nem em particular, senão nos logares que o dito provedor e officiaes do hospital assignalarem, e isto por tempo de dois annos sómente, que começarão a corrêr da data d'este alvará em diante, com declaração que não concederão representarem-se as ditas comedias se não mostrando-lhes, os que as houverem de fazer, licença e approvação dos ministros por quem isto correr, para que não sejam indecentes nem prejudiciaes aos bons costumes da republica; e o proveito que d'isso resultar se dispenderá em beneficio dos doentes que se curam no dito hospital.

Aqui temos, portanto, a origem e verdadeira natureza d'esse rendimento. Não era propriamente um tributo, e sim privilegio, como muitos outros que antes e depois se concederam áquella casa de caridade, no interesse da causa publica ⁽¹⁾; e se alguns não mereceriam hoje a

(¹) Muitos favores do Estado recebeu o Hospital de Todos os Santos, mas era obrigado a repartil-os com outros estabelecimentos semelhantes e corporações religiosas. Citaremos o que succedia a respeito do assucar e especiarias que o hospital arrecadava directamente da alfandega e de que era obrigado a dar ao hospital de Beja, 80 arrobas de assucar; ás freiras de Jesus, de Aveiro, 40; ás de Santa Clara de Coimbra, 8; á Misericordia de Portalegre, 8; á Misericordia de Coimbra, 6; ao hospital de Arrayollos, 4; á Misericordia de Estremoz, 6; á de Setubal, 4; á do Porto, 5; á de Arronches, 4; á provincia da ordem de S. Jeronymo, meia arroba de cravo, 1 quintal de pimenta e arroba e meia de canella; á Misericordia de Thomar, 4 arrobas de assucar e 10 arrateis de incenso; ao mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, assucar; ao mosteiro de Azeitão, idem; ao hospital das Caldas, 11 arrobas (*sic*) á Misericordia de Arzilla, 10; ao mosteiro de Odivellas, 4; a *Custodia de los Angeles* (singular beata do tempo de El-Rei D. Manuel), 15; ao hospital de Montemór-o-Novo, 6; ao mosteiro de Cellas de Coimbra, Misericordia de Lagos, beatas do Salvador d'Evora e ás freiras de Montemór-o-Novo, assucar; ao Mosteiro da Madre de Deus, assucar e incenso. Ainda sobrava muito assucar, porque só por determinação d'aquelle rei, recebia o hospital annualmente 600 arrobas. A therapeutica d'então prescrevia o uso do assucar em larga quantidade, e cremos que em quasi todas as molestias.

geral approvação, ninguém impugnaria fundadamente (como não se impugna á Casa Pia de Lisboa relativamente ás corridas de toiros), que d'algum modo resultasse proveito ao hospital, das representações theatraes.

O privilegio foi ampliado por mais dois annos, por alvará de 7 de outubro de 1595; mas parece que pouco depois cessára, talvez por conveniencia politica, a concessão de se representarem comedias publicamente, pois que por carta de Philippe III de 9 de abril de 1603, se permittia, *por fazer mercê ao hospital*, que passada a quaresma, *se representassem comedias em Lisboa*, com declaração de que os textos se examinassem e approvassem por um dos desembargadores do paço, e que *os homens que nellas entrassem representassem a sua propria figura, e as mulheres do mesmo modo.*

Por novo alvará de 10 de novembro de 1612, foi renovada sem limitação de tempo, a primitiva mercê de 1588, guardadas as condições do de 1595. Tudo mostra que o hospital continuou na posse d'este privilegio até que os seus interesses o levaram a pedir remedio contra o prejuizo que estava soffrendo pela representação d'outros espectaculos, não comprehendidos nos referidos alvarás. Foi attendido por provisão de 15 de setembro de 1738, que por nos parecer documento assaz instructivo para a historia do nosso theatro, e da introdução da opera italiana entre nós, aqui o transcrevemos na parte importante.

Dizia a provisão, depois de resumir as antigas concessões, que por virtude d'ellas «contratára o hospital com D. Catharina do Carvajal para que sómente no seu pateo se representassem as comedias, com obrigação que do rendimento que d'ahi se produzisse, levaria o hospital tres partes, e a dita D. Catharina duas, o qual contrato se confirmára por alvará de 24 de abril de 1613, e ficára o hospital depois d'isso continuando e conservando a posse e uso da dita concessão e privilegio, representando-se as comedias no pateo destinado pelo hospital, e com assistencia e licença do provedor e officiaes d'elle, percebendo o rendimento do mesmo pateo com as pessoas que tinham o dominio d'elle; e vindo a queimar-se no incendio que houve naquelle sitio (logo o indicaremos), comprára o hospital o chão e direito do mesmo pateo, e o reedificára de novo, com grande dispendio e desembolso, e nelle se representaram depois comedias por auctoridade do mesmo hospital, até que em junho de 1727, havendo-se representado ser indecente a uma mesa tão pia, instituida para ministerios tão santos como exercitava a

misericórdia, occupar-se em ajustes com comediantes, e em exhibição de comedias, «fôra eu servido mandar escrever ao provedor, que então era da misericórdia, ser do meu real agrado que insinuasse ao thesoureiro do hospital e aos mais irmãos de dita mesa se abstivessem totalmente d'este emprego;» e em reverencia d'esta resolução cessára a representação das comedias e o uso dos privilegios concedidos ao hospital, e ficára este perdendo o rendimento e util do pateo, que havia reedificado com tanto dispendio, e que lhe tinha feito grande falta para a cura dos enfermos que a elle iam; e havendo-se introduzido n'esta côrte em o anno de 1735, uma opera representada e cantada por musicos italianos em casas que para isso alugaram defronte do convento da Trindade, a qual se representava publicamente, admittindo-se a ella todos que pagavam a entrada taxada pelos mesmos representantes e no anno passado de 1736, se introduziu mais uma comédia italiana, que tambem se representava com a mesma publicidade em casas para isso alugadas pelos mesmos representantes, sem que para nada d'isto pedissem os auctores de taes representações licença ao hospital, nem com elle fizessem concerto algum para lhes assignalar o logar em que representassem, mas antes privando o hospital da posse de se fazerem sómente no seu pateo as representações de comedias, de que não tinham differença essencial as que modernamente se introduxiram; recorrendo os supplicantes a mim por se lhes offerecer quem quizesse alugar-lhes o seu pateo com o uso do seu privilegio, para que fosse servido haver-lhe por bem que os supplicantes se podessem ajustar sobre o aluguer do seu pateo e uso do referido privilegio, e prohibir em virtude d'elle quaesquer representações que nesta côrte se fizessem sem licença do hospital, e em logar que por este lhe não fosse assignalado, usando para esse effeito de todos os meios que por direito lhe fossem permittidos, «fôra eu servido resolver que os supplicantes pudessem usar de seus privilegios nos termos em que era concedido de se permittirem representações de comedias ou operas, sem que se intromettessem no ajuste d'ellas.»

«E porquanto de poucos tempos a esta parte se tenham introduzido nesta côrte outra especie de operas que supposto se não fixessem com figuras vivas, mas artificiaes, eram verdadeiras comedias, e operas, que se faziam pelo mesmo estylo d'ellas, e com musica, representando-se publicamente em casas alugadas para isso, e admittindo-se a ellas todos os que pagaram a entrada taxada pelos auctores, termos

em que da mesma sorte as comprehendia o privilegio do dito hospital de se não poderem representar sem licença do mesmo hospital, nem em logar que por elle lhe não fosse assignalado, de que eu lhes tinha feito mercê de que pudessem usar a respeito de comedias ou operas *de que não tinham differença alguma substancial estas modernas representações que se faziam com figuras artificiaes, e que na realidade eram o mesmo que comedia e opera, e com o nome d'esta se representavam . . .* e visto o que allegaram, informação que se houve pelo doutor Francisco Nunes Cardeal, juiz que foi dos feitos de minha corôa e fazenda, ouvindo as partes, resposta do procurador da mesma corôa a que se deu vista, e não teve duvida: hei por bem declarar que o privilegio concedido ao hospital, e de que os supplicantes tratam, e uso d'elle, comprehenda tambem as representações que se fazem com figuras artificiaes, e mando que por elle possam os supplicantes prohibir que se não façam sem licença do mesmo hospital, e em logar que por elle lhes não seja assignalado da mesma sorte que as comedias e operas . . . »

No goso d'este amplissimo privilegio se conservou o hospital, até que *por justos motivos* lhe foi revogado, obtendo em compensação, por carta regia de 28 de janeiro de 1743, a esmola annual de 1:300\$000 réis pagos pelo rendimento da casa da moeda, com condição que se em algum tempo se lhe concedesse de novo o referido privilegio, ou ainda sem intervenção do hospital «*se continuarem nesta côrte as ditas representações de comedias ou operas, ou qualquer outra similhante*» ficaria cessando a dita esmola.

Parece-nos claro, pelo dizer da referida condição, que á data d'esta mercê, 1743, tinham cessado em Lisboa todas as representações a que alludiam os antigos privilegios. Seria par falta de quem as dêsse, ou de quem as quizesse presenciar? Seria por disposição de D. João V? É ponto que não pudemos averiguar, sendo certo que a esmola continuou, renovando-se a mercê por carta regia de 20 de novembro de 1759, ao mesmo tempo que encontramos provas do hospital ter continuado a gosar do privilegio até ao anno de 1762. Nada mais consta depois d'esta data.

Sabido desde quando, até que epoca e por que titulo o hospital tirou proveito das representações theatraes, mostraremos agora o uso que elle fez do privilegio, fonte d'este proveito, respectivo resultado, o que tudo nos conduz á busca dos antigos *pateos das comedias*, de

que fallaremos segundo a ordem de antiguidade que supomos poder marcar-lhes.

A principio, o hospital limitou-se a conceder as licenças para representar; depois tornou-se *empresario*, com todos os prós e contras de tal posição.

O *pateo* mais antigo foi certamente o das *Fangas da Farinha*, no sitio que já indicámos; mas não apparecendo memoria alguma a seu respeito, nos documentos que examinámos, parece-nos fóra de duvida que já não existia, ou estava completamente arruinado, em 1588.

Póde colligir-se o contrario da noticia publicada neste jornal (n.º 2:745), onde se diz que o dito *pateo* existira até 1633; mas custanos a crer que o hospital, tão interessado fiscal dos *pateos* desde 1588 a 1672, o deixasse de inscrever nos seus registros.

Segue-se o *Pateo da Bitesga* ou *Mouraria*. Por escriptura de 9 de maio de 1591 contratou o hospital com Fernão Dias de Latorre a construcção de *dois pateos*, que este se obrigou a fazer no praso de um anno, em logares convenientes, *os quaes seriam cobertos, com suas varandas cobertas de telha e madeira, e com suas paredes de alvenaria e pedraria, e suas portas, e com todas as mais achegas necessarias.*

De tudo o que rendessem os *pateos* e varandas receberia o hospital, das cinco partes, duas.

Um d'estes *pateos* foi construido na *Bitesga*, e já em 11 de julho de 1594 (data da primeira receita proveniente de comedias) o hospital recebia—da *caixa de Manuel Rodrigues das comedias da Bitesga*, réis 2\$320; e da *caixinha das comedias*, parece que do mesmo local, e respectiva aos mezes de novembro e dezembro do dito anno, e janeiro e fevereiro de 1595, 85\$130 réis.

Se notarmos que o total d'estas verbas, 87\$450 réis, provinha, na fórma da referida escriptura, de dois quintos do rendimento do *pateo*, sendo relativos aos citados cinco mezes, vê-se que o todo do producto foi 394\$800 réis, o que denota que o *theatro da Bitesga* era vasto e de consideravel rendimento.

Não continua a apparecer receita propriamente d'este *pateo*, ou

seja por falta de designação d'onde provinha, ou porque a concorrência d'outros fizesse fechar aquelle. Que este *pateo da Bitesga* é o mesmo que tambem se chamou *da Mouraria*, parece-nos fóra de duvida. Temos ouvido fallar d'um theatro neste sitio, e diz o *Ensaio biographico* de Costa e Silva (tom. X, pag. 331) que era mui frequentado e que nelle se representaram os dramas do *dr. Judeu, que para alli começára a escrever*; mas o que é verdade é que d'este theatro, nem antes nem depois da vida d'aquelle escriptor, encontrámos receita alguma. E note-se que a revogação do privilegio das comedias e compensação da esmola de 1:300\$000 réis, é de 28 de janeiro de 1743, mais de tres annos *depois* da morte do auctor d'esses dramas.

Apparece depois, seguindo a chronologia dos documentos, o *pateo da Rua da Praça da Palha*, freguezia de Santa Justa, de que já ha noticia em 1593. Segue-se o da *Rua das Arcas*, que, por ser mui proxima áquella, é duvidoso se foram estabelecimentos diversos, ou sómente um, embora com aquelles differentes nomes, como para nós temos por certo.

O primeiro emperezario do *Pateo das Arcas* foi o citado Latorre, a quem se seguiu Antonio da Silva e Sousa. Foi este o mais consideravel *pateo* que teve Lisboa. Existe a sua medição e confrontação feita por duas vezes; a primeira, antes de destruido por um incendio que teve logar pelos annos de 1697 a 1698, *em resultado da malevolencia d'uns visinhos que tinham janellas para o pateo*; a segunda, depois de reedificado com grande augmento. Trataremos d'esta.

O hospital depois do incendio, entendeu, talvez por necessidade, dever adquirir a propriedade do *pateo*, accrescentando-o com o terreno d'alguns predios contiguos, e fazendo alli um novo e grande *pateo*, cuja descripção aqui poremos, para satisfação do leitor que desejar conhecer o principal theatro de Lisboa ha 159 annos.

Estamos em 24 de maio de 1707.

«Está este *pateo das comedias* entre a rua das Arcas que é a que vae do Rocio pela rua da Praça da Palha para S. Nicolau, fica na entrada d'ella á parte esquerda e entre o beco das Comedias e o de Lopo Infante, o qual fica interior ao dito *pateo das Comedias*, sem embargo de que para ahi tem porta, como tambem no de Lopo Infante, e á dita

rua das Arcas vem fazer frente, tudo na freguezia de Santa Justa, o qual antigamente tinha outra fôrma antes do incendio. . . .

«E dentro d'esta medição, confrontações e delegações, no interior d'ella está o pateo em que se representam as comedias, o qual está em fôrma de uma meia laranja, com tablado á parte do norte encostado á casa da dita D. Julianna, fazendo frente ao sul, d'onde tem porta por onde se entra para elle, como tambem tem outra porta á face do dito beco das comedias, por onde entram todas as pessoas que as vão ver, cujo arco d'esta entrada . . . está fundado sobre vinte varões de ferro, os quaes armam em cima d'um parapeito que corre todo em roda do pateo, lageado por cima o dito parapeito de pedra, onde estão assentados os ditos varões, o qual parapeito serve ás *forçuras* ⁽¹⁾ de antepáro que são dezoito, e estas todas em roda teem serventia pelas costas com porta para um corredor por onde entram para ellas, o qual fica ao nivel do dito pateo por baixo do sobrado, que serve de assentos.

«E sobre estes ditos varões vão outros vinte tambem em roda e na mesma direitura dos outros, de sorte que ficam uns sobre outros no primeiro andar de sobrados que serve de assentos ás pessoas que vão vêr as comedias, os quaes varões sustentam o primeiro andar dos camarotes que ficam sobre os ditos assentos, e neste sobredito primeiro andar em cada uma das ilhargas no fim dos ditos assentos ha alguns camarotes, a saber, da parte do nascente á mão direita quando entram no dito pateo, quatro camarotes para homens, que ficam sobre o tablado, e sobre o mesmo tablado, da outra parte do poente á mão esquerda tambem no fim do andar dos ditos assentos, estão tres camarotes, que servem para senhoras.

E sobre este dito andar de assentos, ha o 1.º andar de camarotes, que cerca todo o pateo em roda, onde ha vinte e um camarotes, com declaração que dois d'estes que ficam á parte do nascente, quando entram no pateo, á mão direita, um em cima do tablado e outro fóra d'elle, ambos juntos, são do marquez de Cascaes, por contrato que fez com a Misericordia; e neste 1.º andar de camarotes corre uma varanda

(1) *Forçuras* e *galés* chamavam a uns camarotes pequenos, que serviam de base aos das ordens superiores; correspondiam ao que hoje chamamos *fri-sas*, mas parece-nos que eram considerados, em tal epoca, os logares mais inferiores do theatro, sendo modernamente substituidos pela platéa geral.

ao nível d'elles, sobre o tablado, fazendo frente á dita porta por onde se entra para o pateo, que fica ao sul. . . para cujo andar de camarotes se servem por as costas d'elles por um corredor que o cerca em roda, para onde tem tres portas.

«Em cima d'este 1.º andar de camarotes, ha outro que tambem tem outros vinte e um, onde entra um, que fica á parte do poente, quando entram á mão esquerda, o qual se não aluga por ser do hospital e servir para os fidalgos da casa da fazenda d'elle, e neste andar ha outra varanda em cima da outra, que está no 1.º andar e na mesma fórma. . .»

«E nesta parede em roda que corre pelas costas dos ditos camarotes, ao nível do chão para a parte do sul, está a porta por onde se entra para o dito pateo, que faz frente ao dito tablado, e outra por onde entram para os assentos, e outra que entra para as forçuras, que fica ao poente da parte esquerda.

«Tem o sobredito pateo as suas entradas, a saber: uma porta está para o beco das Comedias á parte do sul, fazendo frente ao mesmo beco, e duas portas para a rua das Arcas, uma que serve de entrada para os camarotes das forçuras e tablado e camarotes das senhoras, e outra que tambem serve de entrada dos camarotes e communição do pateo, a qual porta faz um corredor na entrada, que sáe a um patim descoberto, do qual se sóbe por uma escada de pedra. . .»

Temos visto o interior do pateo. Examinemos agora o seu comprimento e largura. «Tem do norte para o sul, principiando da parede que está nas costas da vistoria até á porta por onde se entra para os assentos e forçuras, pelo meio 24 varas e meia; e de nascente para o poente, pelo meio em cruz, tem 15 varas e quarta. Esta é a medição do comprimento e largura do pateo, em que se representam as comedias, entrando nella as confrontações já declaradas do pateo, o qual é pintado, com seus capiteis de madeira sobre os ditos pilares e varões de ferro, mostrando serem de pedra fingida.»

Esta descripção minuciosa e clara, dá-nos perfeita idéa do theatro da rua das Arcas, que era regular, de singela mas elegante construcção, e seguramente mais commodo que os do *Salitre* e *Condes*, construidos posteriormente, o primeiro em 1782, o segundo em 1770, e aos quaes não fariamos injuria chamando-lhes *becos*, visto que aquelle seu antecessor se chamava *pateo*!

A *rua das Arcas*, destruida totalmente com o pateo de que falla-

mos, pelo terramoto de 1755, e eliminada pela nova planta da cidade, começava ali por onde corre o segundo quarteirão da rua Augusta, indo da praça de D. Pedro; e na direcção do terceiro—pouco mais ou menos, virando á esquerda, era o *beco das Comedias*, interior a este o de *Lopo Infante*, e pela banda de traz, fazendo frente á dita rua, estava o *pateo das Comedias*. (1)

O seu rendimento, desde 25 de agosto de 1711 até dia de entrudo de 1712, 9 de fevereiro, foi de 4:284\$090, o que mostra, como já notámos, ter sido este o mais consideravel *pateo* ou *theatro* da capital, exceptuando o *theatro regio*, construido nos Paços da Ribeira em 1753. Noutros annos foi menor a receita, e nalguns nenhuma houve por falta de comediantes, que só vinham de Castella, exigindo avultadas quantias, a titulo de transporte, o que tornou mui precario e por vezes ruinoso este negocio das comedias, que o hospital manteve por muitos annos, visto que, tendo construido o *pateo* e não achando alugadores, era forçado a tentar fortuna, tornando-se *emprezario*.

É curiosa a parte da sua historia que narra os trabalhos e dissabores com que a administração luctou, engajando comicos, despedindo-os, distribuindo e negando camarotes, pleiteando com os frades do Carmo, que (não pudemos averiguar o motivo) se apossaram e gosaram durante tres annos de 14 camarotes, e finalmente soffrendo todos os martyrios a que está sujeito um *emprezario*.

BIBLIOTHECA

DA

ASSOCIAÇÃO DOS ARHEOLOGOS PORTUGUEZES

Edificio Historico do Carmo

(Conclue).

(1) Onde hoje principia a rua Augusta, partindo da referida praça, principia antes do terramoto a rua da Praça da Palha; seguia-se, quasi em linha recta, o largo do mesmo nome; depois, a rua das Arcas, que conduzia a S. Nicolau. Devemos estes e outros esclarecimentos ao sr. José Valentim, possuidor de importantissimos trabalhos sobre a topographia da velha Lisboa, maximé na parte chamada *Ilha*. Aqui lhe reiteramos os nossos agradecimentos. Outro tanto devemos fazer ao nosso bondoso amigo o sr. padre Leitão, digno paleographo e cartorario do hospital de S. José, pelos valiosos subsidios com que nos ha coadjuvado nesta e similhantes investigações.

NOTICIAS DE TORRES VEDRAS

Quinta das Lapas

A quinta está na branda encosta da serra da Achada. Esta serra e as outras d'estes sitios são grandes collinas mais ou menos declivosas, de 100 a 150 metros d'altura sobre os valles que as separam. Ás vezes as faldas das collinas alastram-se, desdobram-se em suaves encostas; em pontos alargam-se os valles em varzeas fertéis. O monte coroadado pelas ruinas dramaticas do castello de Torres Vedras está rodeado de varzeas amplas. Nos banhos dos Cucos a chan, onde estão os hoteis, o cassino, o jardim, o edificio das thermas, está cercada de montes de forte declive, semelhando uma cratera, quasi completa, rota apenas por breve chanfro por onde passa o rio e a estrada que leva a Torres, e uma fraca depressão, mais a sul, que vae ter ao caminho de ferro, na visinhança dos pequenos tuneis. O terreno de quasi todas estas chans é de alluvião moderna feita pelo Sizandro. O solo em que assenta a parte baixa da villa está hoje metro e meio mais alto que no seculo XVI, o que se manifesta em antigas construcções muito soterradas.

As varzeas são fertéis e bem cultivadas; nas vertentes agriculta-se tambem, as vinhas ostentam-se viçosas; pinhaes forram grandes trechos das collinas, apresentando arvores bem desenvolvidas.

E bom seria que mais semeassem ou plantassem; um pinhal é util e agradável, dá sombra e aroma hygienico; serve a lenha, a rama, a pinha; a moderna medicina com muita razão recommenda o ar do pinhal, e, tem-se visto nos ultimos annos, o cóрте de pinhaes para combustivel, para construcção, para supportes de galerias mineiras, dá bom dinheiro.

Até parece que dá saude o aspecto de um pinheirinho verde, de fresco avelludado, de perfume resinoso. Por isto pinheiro cortado, pinheiro semeado, e quantos mais pinhaes melhor, por esses montes onde o sol, o solo e a aragem se encarregam de o alimentar; se elle cresce que é um encanto até nos areaes da beira-mar onde a rajada do oceano

chega a ser um açoute; porque o bom pinho formoso e hygienico não exige cuidados de cultura.

Por entre pinhaes mesclados de algumas vinhas e outras culturas segue a estrada de Torres para as Lapas; a principio do caminho rompe o bucolismo da paisagem a massa alvacenta da villa, e o seu outeiro escuro encimado pelas velhas muralhas do castello, os altos muros negros da sua alcaçova ou palacio, em tragica derrocada. Faz impressão aquella ruina; suggere tempos idos, historias mui velhas.

.....

Torres mais antiga, já condado,
 Por turdulos se crê ser erigida,
 Por dote das rainhas, é morgado,
 E de muitas já foi favorecida,
 O Beato Gonçalo lá enterrado
 Por milagres a faz ser mais luzida,
 Assim como João a decorou
 Nas côrtes que já nella celebrou.

Como diz o bom e patriota Silveira no «Côro das Musas».

Passa uma curva da estrada, e deixa-se de avistar casaria nova e muralhas velhas; segue o caminho na verde paizagem campesina.

A estrada é boa, pouco frequentada, com aspectos variados, dominando o verde pinhal. De subito uma casaria branca de aldêa, uma egreja, e na encosta o palacio, bem ao sol, com as suas dependencias, os seus jardins, pomares, vinhas e matta de arvoredo alto.

Vê-se uma capella de boa construcção e logo uma entrada monumental, de ampla arcada; entra-se no terreiro; a um e outro lado edificações que são dependencias do palacio, na frente a fidalga residencia com larga escadaria e desafogada varanda. Todavia dá logo a impressão de edificio incompleto.

Á monumental entrada, á elegante escada não corresponde o edificio nobre que parece acanhado e incompleto. Houve alteração no plano, com certeza. A fachada que deita para o jardim é mais harmonica, a mansarda, os frisos azulejados dão-lhe graça.

O palacio, dizem, foi erguido pelo primeiro marquez d'Alegrete, Manuel Telles da Silva, conde de Villar Maior. Foi feito marquez por

D. Pedro II em 1687 (v. «Diario de Noticias», de 17 de junho de 1902). Provavelmente foi começado, houve demorada construção, sofreu alterações; a mansarda será do meio do seculo XVIII; é possível que a escadaria seja da epoca de D. João V. Para admirar seria que nesses tempos um Telles da Silva, em poucos annos, observando um só plano, conseguisse erguer um palacio, chamados, como eram, os principaes da illustre familia, para altos cargos no reino, no ultramar e no estrangeiro.

Existe na matta uma capella, incompleta, dedicada a Santo André Avellino pelo conde de Tarouca, Fernando Telles da Silva, em 1778. E ha noutro ponto da matta, uma ermida rustica, com seu alpendre, um pouco mais antiga.

No jardim alegretes e assentos são azulejados, representando scenas de caçadas.

As salas tem tectos de madeira e rodapé alto de azulejos, como as do palacio do Correio Mór, perto de Loures, e as do casal do Fallcão, perto de Carnide, agora felizmente restaurado, segundo ouvi dizer, sob direcção do conhecido e estimado architecto sr. Raul Lino.

Nos jardins vi magnificas hortenses e na matta ulmeiros, pinheiros mansos, seculares medronheiros, sobreiros veneraveis. O meu amavel guia disse-me os nomes de algumas arvores, conservados na tradição familiar; o mais antigo é o sobreiro dos quatro irmãos, assim chamado porque a pouca distancia do solo o tronco se divide em quatro pernas das reaes, cada uma d'ellas como uma grande arvore.

Ha uma fonte de agua ferrea na matta, e outra numa alameda de ulmeiros, com um grupo em marmore, veado filado por um rafeiro; no outro extremo d'essa alameda deliciosa fica o jogo da bóla.

Essas salas de grande pé direito, de chão ladrilhado, de lambris de azulejo, e tectos de madeira, conservando o ar antigo não estão vãs ou despidas. Estas, felizmente, tem muito que ver e respeitar.

Vi moveis antigos, cadeiras d'espaldar com os braços de familia; grandes leitos de pau preto, com torcidos e laves.

Os donos da casa fizeram abrir armarios e eu vi desfilar pratas antigas marcadas; ceramicas e cristaes, porcelanas de Sévres, de Saxe, da India e Japão, de verdade e alto valor. Vi um copo de cristal lapidado com uma vista de Santarem, pintada no cristal, bem interessante: e um dragão de prata, perfumador enorme, trabalho pouco visto, que me disseram ser feito em Moçambique.

Nas paredes retratos de pessoas de familia, e que familia! esta dos Telles da Silva! É ver ahi nas genealogias as séries de paginas com descendencias e arvores de costado mais frondosas que o sobreiro dos quatro irmãos. Até o venerando D. Manuel Caetano de Sousa escreveu uma obra em dois volumes (Bibliotheca Nacional de Lisboa. Manuscriptos, fundo antigo, C-3-16 e 17. N.ºs 1048-49), a respeito d'esta familia com o seguinte titulo bem curioso.—Corôa geneologica, historica e panegirica da Excellentissima Casa de Tarouca formada do purissimo ouro dos Silvas, illustrada com a esplendidissima pedraria dos Menezes, adornada com as augustissimas flores da Magestade, fechada com os elevados semi diademas da Heroicidade, terminada na altissima esphera da Soberania, consagrada com a sempre venerada cruz da Santidade, dedicada ao ex.^{mo} sr. D. Estevão de Menezes filho primogenito dos ex.^{mos} srs. condes de Tarouca João Gomes da Silva e D. Joanna Rosa de Menezes—.

Pertence effectivamente a esta familia o celebre Beato Amadeu que tão grande fama conquistou na Italia.

Que singular encanto o de ouvir a dona da casa explicando alguns retratos de familia! Que consolação, neste paiz de gente estragada, encontrar um ninho conservado! Que rara impressão no conjuncto, milagroso entre nós, de tantas recordações e tradições, vivas, na mente, na linha, nas feições, na voz da herdeira lidima!

A um marquez de Penalva dizia o Tolentino:

Hontem soube o que podia
 Estilo suave e brando
 E quanto podeis fallando
 Eu o vi na Academia
 Nas almas fogõ acendia
 Vossa discreta oração,
 Sobre a minha pretensão
 Vos peço que assim oreis,
 E que ao principe falleis
 Como fallaes á nação.

Pois ainda está representado na familia o estilo suave e a discreta oração, louvados pelo poeta.

Poetas houve tambem nesta familia; poetas e eruditos, homens

de guerra e de diplomacia; na Bibliotheca Lusitana estão inscriptos os notaveis nas letras e sciencias. Por estas salas, jardins e bosques passearam academicos, não faltam sitios para tranquilla meditação. E no bello terreiro desafogado com certeza se trabalhou na nobre arte da cavallaria; talvez se corressem touros e jogassem cannas; houve tambem na familia cavalleiros notaveis, mestres reconhecidos na equitação, tratadistas na especialidade.

Porque se chama quinta das Lapas? Ha por aqui algumas lapas, grutas, cavernas? Parece que houve lapas a que se attribuiam lendas de mouros. Perto de casa ha uma extensa vinha, um grupo de pinheiros mansos, uma elevação de terreno de poucos metros de altura; ahi umas cavidades consideraveis. Parece que em tempos alguem fez excavações; acharam cacos, louças partidas. Tudo se extraviou.

Seria uma mamunha? um d'aquelles tumulos prehistoricos, em que as sepulturas eram cobertas por um monticulo artificial? Não sei, o que hoje se vê pouco significa.

Numa construcção ou pavilhão de fresco perto do jardim fui encontrar no embrechado que reveste as paredes interiores alguns exemplares de contas vitreas coloridas de fabrico egual ao das contas de Chellas, da capella (desapparecida) das Albertas, da cascata da Quinta do Meio. Aqui tambem estas singulares contas são acompanhadas de cilindros, discos, etc. Continua para mim a ser um problema a proveniencia de taes objectos.

GABRIEL PEREIRA.

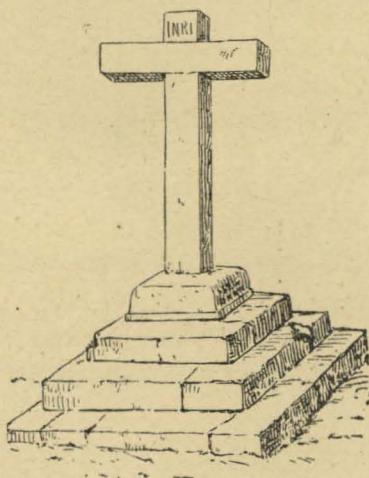
CRUZEIROS NOTAVEIS

(Contin. do n.º anteced.)

XXXV

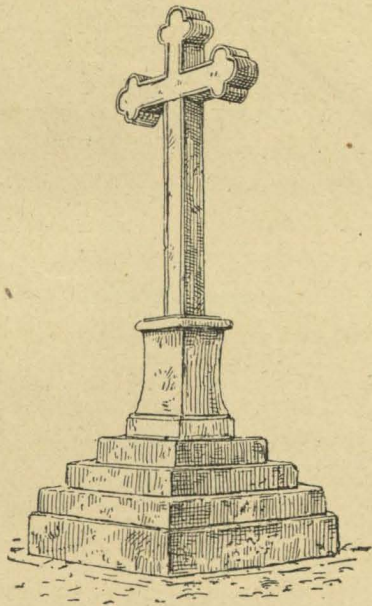
Cruzeiro de Vaqueiros

O mesmo illustrado collaborador, o sr. engenheiro Garcez, que nos revelou a existencia do cruzeiro de Alcanede, é quem nos presta ainda, sem sair do concelho de Santarem, as informações relativas ao cruzeiro da freguezia de Vaqueiros.



Cruzeiro de Vaqueiros

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 8 — PAG. 396



Cruzeiro de S. Pedro, na Ericeira

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. X, N.º 8—PAG. 397

O humilde monumento christão acha-se situado quasi em frente da igreja ao lado do cemiterio. No alto da cruz as quatro conhecidas iniciaes: I N R I «Jesus Nazarenus Rex Judeorum».

Numa das faces lateraes, conforme se vê do esboço, lê-se a seguinte inscripção:

OP ● ANT ● DA
S NEVES ● PÓS ● E
● A
STA + PAVE ● M
1662

A nossa gravura é reproducção de um desenho á penna do sr. Garcez.

XXXVI

Cruzeiro de S. Pedro, na Ericeira

A Ericeira foi sempre uma povoação muito considerada por causa dos seus mareantes e pescadores. O sr. Adolpho Loureiro, no 2.º volume da sua laboriosa e notavel descripção dos portos maritimos de Portugal, consagra o devido logar ao porto da Ericeira. Hoje a ridente villa é mais conhecida como estação balnear. Não rivalisa, é certo, com as rumorosas e elegantes praias de Cascaes, Figueira da Foz, Espinho e Povoia, mas dão-lhe preferencia os que desejam gosar á beira do oceano, na época dos banhos, um regimen hygienico e tranquillo.

A Ericeira offerece á historia patria um episodio bastante interessante, symbolisando ao mesmo tempo o patriotismo e a crendice popular. Os sectarios da religião, de que Bandarra é propheta, deviam consider-a como a sua Méca, indo ali em romagem visitar o logar, onde se corôou, como rei de Portugal, um pretendido D. Sebastião. O tresloucado pagou por bom preço os seus ambiciosos planos e com elle soffreram tambem os que se deixaram arrastar pela sua illusoria propaganda, que não fôram poucos. Seria impiedade cobrir de ridiculo o seu desvario, quando se podem considerar de algum modo os promotores da independencia e até os seus primeiros martyres.

A vida do rei da Ericeira, tão comica em alguns dos seus lanços,

tão commovedora e tragica no seu final, tem sido tratada por diversos escriptores e ultimamente está sendo romanceada nos folhetins do *Diario de Noticias* pelo sr. Cesar da Silva.

O sr. Gabriel Pereira publicou em 1903, reproduzindo-o em 1905, um opusculo «A villa da Ericeira», em que nos dá curiosos traços d'esta pittoresca povoação.

O cruzeiro da Ericeira está collocado em frente da igreja parochial de S. Pedro. E' singelo, mas de airoso aspecto, terminando as hastes superiormente em fórma trilobada. Assenta sobre um socco de quatro degraus, encimado por um plintho. No pedestal da cruz está insculpida a sua certidão de idade: a data de 1782.

A Ericeira possuía outro monumento, que foi apeado ha cêrca de 40 annos, soterrando-o. Esta idéa de sepultar um pelourinho é devéras original. Oxalá que todos os demolidores procedessem sêmpre assim, porque um dia lá vem alguma pessoa illustrada que faz surgir do tumulo estes Lazaros. O pelourinho da Ericeira está-se reerguendo e restaurando, graças á iniciativa do sr. dr. Eduardo Burnay, a quem a archeologia nacional se deve mostrar reconhecida por este excellenteserviço.

Se um dia derrubarem o cruzeiro, não o façam em migalhas, dêem-lhe ao menos um jazigo!

(Continua) ..

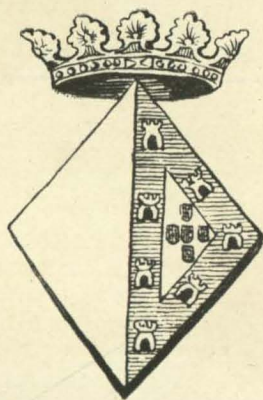
SOUSA VITERBO.





A INFANTA

D. MARIA



*Quadro do
Museu do Prado*

A INFANTA D. MARIA

e o seu Hospital da Luz

«A Infanta Dona Maria
é mãe dos pobres chamada

.....
Que formosa vai a Infanta
no meio da cavalgada!»

Julio de Castilho — MANUELINAS — (1889).

Ao percorrer os livros de *Privilegios, Decretos e Avisos* da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, em busca de elementos para a elaboração da sua historia, chamou-me a attenção um documento bastante extenso, uma escriptura de concerto entre os Padres da Luz e os testamenteiros da Infanta D. Maria, ácerca da capella e sepultura desta insigne princeza. Como porém este curioso documento não representava naquella occasião, para mim, senão um incidente a distrair-me do proposito em que andava, limitei-me a tomar nota delle, reservando para ensejo mais desafogado o seu exame.

Finda a improba tarefa da memoria historica da Misericordia de Lisboa, salva de perdimento certo pela benemerita Academia Real das Sciencias, que tomou a si o encargo da publicação, encargo de que outras entidades, sem duvida com melhores titulos a ella, se eximiam, enveredei numa serie extensa de estudos e investigações, attinentes a apurar algum tanto do pouco, do pouquissimo que sabemos com respeito ás origens historicas das instituições nacionaes de beneficencia publica. Abriu-me as portas, carinhosamente, o *Instituto* de Coimbra, corporação não menos benemerita, que desde 1901 principiou a dar publicidade no seu boletim ao estudo que intitulei—*Historia da Beneficencia Publica em Portugal*, ainda presentemente a caminho do seu ultimo capitulo.

No decurso desta historia enamoraram-me muitos vultos extraordinariamente bellos de dedicados bemfeitores da humanidade.

É longa a serie destes benemeritos, destas almas grandes, caritativas e boas! Desde algumas das nossas primeiras rainhas, desde muitos cidadãos nobres ou obscuros do velho Portugal medievido e da Renascença, até aos nomes de virtuosas damas e caritativos, humanitarios e philantropos varões de nossos dias, quantos formosos exemplos, quantos fecundos modelos de caridade!

De alguns delles me occupei já. De muitos outros me sobram bons desejos de tratar; fallecem-me porém tempo, forças e elementos.

É sem a menor duvida dos mais captivantes o da formosa, intelligente, lettrada, bondosa e infeliz Infanta D. Maria, de cuja côrte irradiou um influxo tão poderoso de civilização e de cultura intellectual, verdadeira academia de eruditos e de poetas, cuja memoria inolvidavel a tradição entresachou poeticamente com os lendarios episodios da vida de Camões.

Não carecia porém de chronista a emerita Infanta. Antigos e modernos a teem estudado, referido a sua vida accidentada de torturas e desgostos, e posto em relevo os primores do seu espirito esclarecido, bem como os quadros interessantissimos da sua côrte, das suas mestras, dos seus decantados serões.

É completa e minuciosa a sua chronica; são numerosissimas as referencias á sua extraordinaria personalidade, aos episodios da sua vida, ás personagens igualmente notaveis que a cercavam; são notoriamente bellos os estudos modernos sobre a sua influencia intellectual, muito especialmente feminista, na sociedade portugueza da ultima metade do seculo XVI. Criticos eminentes, e delicadissimos escriptores trataram o assumpto com o carinho e elevação que tão alta personagem da nossa vida historica merecia.

Uma feição, que não é das menos importantes e dignas de registo, da Infanta D. Maria, ficou porém, senão em completo olvido, pelo menos posta em secundaria plana. É a das instituições de caridade que ella em seu testamento determinava se creassem para perpetuar a sua memoria saudosissima. Foi para esta feição, para este capitulo interessante da beneficencia nacional, que lancei as minhas vistas, ancioso de pôr em evidencia a desvelada intenção da bondosa Infanta. Auxiliou-me e animou-me este desejo o encontro casual do *Regimento do Hospital da Lux* num volume manuscrito da Bibliotheca Nacional, onde

existe conjunctamente com outros documentos não menos curiosos para os annaes da beneficencia portugueza. Resolvi pois dar publicidade á escriptura encontrada, relativa á sepultura da Infanta, e colligir alguns elementos escassos para a historia succinta do antigo hospital de Nossa Senhora da Luz.

Tal é o fim a que se destina e propõe a breve noticia que segue.

I—A Infanta. Sua vida.

Recordemos numa rapida resenha a vida da Infanta, escolhendo para guia o seu chronista, freire regular da Ordem de Christo, o padre Miguel Pacheco (*).

Do terceiro consorcio d'el-rei D. Manuel com a princeza D. Leonor de Austria, irmã do imperador Carlos V, noiva primeiramente destinada ao principe D. João (depois D. João III) e por fim ajustada, por intermedio de D. Alvaro da Costa, ministro de confiança do poderoso monarcha, para esposa do rei portuguez, houve apenas dois filhos. Chegou ao reino a nova rainha em novembro de 1518, e effectuou-se a cerimonia nupcial em 15 desse mez no Crato, cerimonia que se suppõe representada no magnifico quadro em taboas da Misericordia de Lisboa, hoje inexplicavelmente aggregado ao museu das alfaias da ca-

(*) *Vida / de la Serenissima Infanta / Doña Maria / hija delrey D. Manuel, fundadora / de la insigne Capilla mayor del cõuento de N. Señora de la / Luz, y de su Hospital, y otras muchas casas dedicadas al / culto diuino. / por el / M. R. P. M. Fr. Miguel Pacheco, / Regular de la orden de Christo, Lente muchos años en el seminario del Real Couento de Thomar, Procurador general que fue de la dicha orden en la Corte de Lisboa, y en la / de Madrid, y Administrador del Hospital de S. Antonio de los Portugueses en la dicha Corte. / Armas reaes em gravura. / Lisboa. / En la officina de Joan de la Costa. / A costa de Miguel Manescal Libreiro de S. Alteza. / M. DC. LXXV. Com todas las licencias necessarias. /*

Esta obra é dedicada à Ser.^{ma} Senhora D. Isabel Maria Josepha, Princeza de Portugal, por Fr. Lourenço Saro, Dom Prior Geral da Ordem de Christo e do Convento de Thomar, que a mandou imprimir. O rev. fr. Miguel Pacheco natural de Coimbra compoz e deu á imprensa esta chronica, quando assistia em Madrid, como procurador geral da ordem de Christo, sendo administrador perpetuo do Hospital de Santo Antonio. Falleceu porém em 1668 naquella cidade, deixando o livro apenas começado a imprimir. Fr. Lourenço Saro ordenou a reimpressão em maio de 1671.

pella de S. João Baptista, onde figura na antesala d'aquella opulenta exposição da arte italiana do tempo de D. João V.

Ao já então numeroso grupo de filhos de D. Manuel (cujos retratos se encontram reunidos no formoso quadrinho tambem pintado em taboa, e existente no gabinete da Provedoria da Casa Pia de Lisboa), accresceu unicamente a Infanta, pois que o infantinho D. Carlos, primeiro fructo do consorcio regio, apenas viveu alguns dias, servindo desta fórma sómente para crear ulteriores desgostos á Infanta D. Maria, dando origem a pleitos sobre o processo da sua herança.

A Infanta nasceu no sabbado 8 de junho de 1521, ás 7 horas da tarde, no sumptuoso paço real da Ribeira, onde poucos dias depois foi solemnemente baptisada, tendo por madrinhas as infantas D. Beatriz, depois duqueza de Saboya, e D. Isabel depois imperatriz mulher de Carlos V, e por padrinho o embaixador do duque de Saboya.

Contava a Infantinha apenas seis mezes e cinco dias quando falleceu o rei seu pai. Começou a sua orfandade, primeiro de pai e a breve trecho de pai e mãe. Viveu então a Infanta no paço de Enxobregas, com sua mãe, emquanto esta se não ausentou para França a occupar o throno, e com sua tia D. Isabel de Bragança.

Bem queria a rainha D. Leonor levar consigo a filha que idolatrava, mas começou desde logo em torno da Infanta a rede de intrigas e conluios, que durou toda a sua attribulada vida, no perfido intuito de conserval-a celibataria e acorrentada ao reino, com receio de que saindo d'elle fôsse a corôa, obrigada a entregar-lhe os avultados bens com que seu pai o rei generoso e magnanimo a dotára.

Foi-lhe funesta esta liberalidade paterna, que a escravizou por toda a existencia ás ambições e perversos intuitos dos governantes de Portugal, de França e de Hespanha.

Oppunha-se ardilosamente D. João III aos successivos consorcios que lhe foram propostos, e para os quaes se entabolaram negociações. Era primeiro o Delphim de França, que intempestivamente morreu, era o principe Maximiliano de Allemanha, era depois tambem o proprio Philippe de Hespanha, mas sempre o rei, que pouco affecto tributava á filha da sua antiga noiva, obstinadamente se oppunha, creando attritos, levantando obstaculos (1).

Queria porfim Carlos V leval-a para fóra do reino; estava tudo

(1) Fr. Miguel Pacheco — Obr. citada — fol. 13, 15 e 39 verso.

planeado e resolvido pela influencia do poderoso imperador, quando morreu D. João III a 11 de junho de 1557. Mais uma vez a desditosa Infanta se sacrificou ao seu crudelissimo destino, e accedendo aos instantes pedidos de sua irmã D. Catharina resolveu-se ainda a ficar no reino. Já áquelle tempo era a Infanta idolatrada pelo povo que via nella como que a encarnação viva das desventuras da nacionalidade portugueza, naquelle periodo de descabro, que se succedeu ás mirabolantes glorias e riquezas do reinado manuelino. O povo da cidade queria-lhe muito; tinha-a com justiça, como protectora das lettras, de onde irradiava um influxo intellectual civilizador e benefico; era ao mesmo tempo a carinhosa alma, sob cujo amparo se acolhiam todos os infelizes, todos os miseraveis.

A custo a deixaram ir a Badajoz, a entrevistar-se com sua mãe, a matar saudades que a ambas as minavam. Era geral o receio de que não mais voltasse. Ella porém jurou que voltaria, e apesar do culto que todos lhe votavam ninguem a suppoz capaz de tamanha heroicidade. Mas a Infanta, alma grande, votada a perigosos e difficeis transees, arrancou-se dos braços da mãe e da tia, e fiel ao compromisso que jurára regressou á capital, entre as loucas alegrias da populaça que não punha em mente tornar a vêr aquella que elles consideravam sua protectora, e de quem choravam já a orfandade e o desamparo (!).

A mãe, cuja delicada saude andava bastante abalada pelos desgostos incessantes, não resistiu áquella despedida cruel, e dias depois da separação da filha idolatrada falleceu.

A princeza orfã, reclusa no reino, encerrou-se no seu paço em Enxobregas e alli fervorosa se entregou ás devoções da religião e ás devoções das lettras. Por conselhos de sua mãe apprendera a manejar as linguas classicas, especialmente o latim. Haviam sido seus mestres o douto theologo fr. João Soares, depois bispo de Coimbra, e Luiza Sigéa, a celebre latinista, celebrada por poetas e escriptores do seu tempo, com sua irmã Angela, que cultivava tambem a musica com insigne mestria.

Tornara-se usual naquella quadra a cultura humanista em damas de gerarchia. Eram vulgares as celebridades femininas, e assim a Infanta, obedecendo á corrente, e empregando nessa cultura litteraria os dotes do seu preclaro entendimento, tornou-se o nucleo intellectual de

(!) Fr. Miguel Pacheco—Ob. cit. fol. 82 e 83.

uma pleiade de distinctas damas, que constituíram o famoso areopago da sua côrte.

Não entrarei em mais minucias neste assumpto seductor, porque tratado está elle, e com a maior proficiencia por uma dama illustre do nosso tempo, estrangeira por nascimento, mas já hoje bem nacionalizada, não só pelo consorcio, como pela sua erudita applicação litteraria, a senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcellos, no precioso estudo — *A Infanta / D. Maria / de / Portugal / (1521-1577) / e as suas damas / Porto, 1902.*

Naquelle agrupamento de mulheres de singular educação litteraria e scientifica do seculo XVI, extremavam-se algumas cujos nomes ficaram registados na historia das letras patrias. Citaremos sempre, de fugida, além das famosas Sigéas (biographadas por José Silvestre Ribeiro) ⁽¹⁾ algumas outras:—D. Bernarda Ferreira de Lacerda, D. Guioimar de Castro, Paula Vicente, filha de Gil Vicente, D. Antonia Henriques, D. Violante de Menezes, D. Leonor Coutinho, D. Joanna Blasfeto, D. Maria Bustamonte, D. Leonor de Noronha, e D. Estefania Maracote, além das princezas e infantas irmãs de D. Maria ⁽²⁾.

Não curava porém a Infanta sómente de serões humanistas e litterarios, nem só da convivencia com poetas e damas, entregues ás mil deliciosas phantasias das artes e das letras.

Buscava e privava com os mais doutos e abalisados theologos, que requeria para seus doutrinadores e conselheiros. É sabido, registam-o as chronicas, como folgava de manter longas praticas com S. Francisco de Borja, com o legado pontificio o cardeal Alexandrino, com o insigne Fr. Luiz de Granada, que jaz na portaria da sacristia da egreja de S. Domingos de Lisboa, com fr. Simão Coelho e com o seu confessor Fr. Francisco Foreyro, ao qual novamente voltarei a referir-me a respeito do encargo que a Infanta lhe commetteu de formular o regimento para o Hospital da Luz.

A Infanta não nos legou escriptos seus, senão epistolas, mas é

⁽¹⁾ *Luiza Sigéa, breves apontamentos historico-litterarios.* Lisboa, Typ. da Acad. real das Sciencias. 1880.

⁽²⁾ *Vida da Serenissima Infanta* fol. 83 a 97 e D. Carolina M. Vasconcellos, *A Infanta D. Maria*, pag. 30 e seg.^{tes} Das mulheres doudas de Portugal fala-nos com elogio Antonio de Sousa de Macedo, nas *Flores de España Excellencias de Portugal*, Coimbra 1737, pag. 81.

unanime o consenso ácerca da sua erudição e applicação ao estudo. Passaram-lhe os mais indubitaveis attestados ao seu engenho, ao seu entendimento claro homens de notoria competencia na apreciação de merecimentos litterarios e intellectuaes.

Basta-nos por certo, ainda mesmo descontando os exaggeros de lisonja a tão alta personagem, o encomiastico panegyrico de João de Barros, e as referencias bem significativas do dr. Martim de Aspilcueta Navarro, de Jeronymo Osorio, de André de Rezende, de Vaseu e de Ignacio de Moraes.

É certo, indubitavelmente certo, que esta insigne senhora, modelo de virtudes, martyr alanceada por uma vida de tormentosa lucta, se guindou pelas excellencias modelares de character, por uma vida intima impecavel, por dotes excepcionaes de clara intelligencia, pelas manifestações multiplas de seu espirito superior, a protectora das lettras e das artes.

É captivante a figura bella desta formosa Infanta, rodeada de uma cõrte selecta, gozando immensa fortuna, e por ella acorrentada a forçado celibato, entregando-se de corpo e alma ao estudo, formando pela erudição e pela cultura artistica uma auctoridade dominante no meio d'aquelle periodo aureo de civilização do seculo XVI, reunindo em torno de si, como por especial attracção, uma pleiade de poetas, de cosmographos, de sabios, promovendo o gosto das lettras entre as damas da sua cõrte e do seu tempo, animando a musica, a pintura, a ourivesaria, a joalheria, o theatro, a poesia, os conhecimentos geographicos.

Assim viveu 56 annos 4 mezes e 2 dias até que em 10 de outubro de 1577 veio a fallecer no seu paço junto ao convento de Santos o Novo, tendo-lhe a tradição tecido tambem uma poetica lenda amorosa, fonte de curtidas maguas, se verdadeira foi, e de que a primorosa escriptora que citei rendilhou com os buris da sua erudita penna, um interessante capitulo da sua monographia, capitulo que intitulo — *a lenda amorosa da Infanta*.

Com o testamento, de que passarei a occupar-me, assignalou a Infanta D. Maria, de uma maneira indelevel e perduravel, a reputação de bondade e de sentimentos caritativos, que a população da capital tão justamente lhe creára. Diz-nos o chronista que ella, com indizivel benignidade e amavel complacencia attendia os infelizes que lhe dirigiam petições, prodigalizando a todos não só a esmola suspirada, o

que é muito, mas também a affabilidade, o desvelo, que são balsamo santo para a magua dos indigentes, a unção verdadeiramente christã, humana, scientifica e affectiva da caridade para com os desditosos.

É da acção caritativa da Infanta, considerada como verdadeiro e notavel *exemplo do bem*, e traduzida nas determinações expressas do seu testamento, que passarei a tratar.

II—O testamento da Infanta D. Maria e suas pias instituições.

Enferma, sentindo já avizinhar-se a morte, termo de tantas desventuras, a Infanta, levantada comtudo, e em seu perfeito siso, dispõe as ultimas vontades, no seu paço de Enxobregas, extramuros da cidade, cerca do Convento de Santos o Novo, firmando o testamento de sua mão em data de 17 de julho de 1577, e fazendo-o approvar no dia immediato pelo tabellião João Rodrigues Jacome, sendo testemunhas o seu vedor da fazenda João de Mendoça, Fernão da Silva e Jorge de Mendoça, ambos do conselho d'el-rei, Christovão Esteves e Sebastião da Fonseca, este ultimo, escrivão da fazenda da Infanta.

Mez e meio depois, a 31 de agosto fechou o codicillo, que no mesmo paço se approvou em 2 de setembro, perante as mesmas testemunhas e pelo mesmo notario.

Pouco mais de um mez decorrido, morria a Infanta a 10 de outubro de 1577, sendo depositada no convento da Madre de Deus, com solemnes exequias. Alli permaneceu 20 annos até que se cumpriu sua expressa vontade, sendo transferida para a Capella-mór da igreja da Luz. Ainda após a morte, a adversidade lhe entravava os piedosos designios. Este testamento, que Fr. Miguel Pacheco publicou integralmente e do qual passo a dar um substancioso extracto, frizando tudo quanto se refere ás suas intenções caritativas, é um documento notavel. Por elle se vê que a Infanta dedicou sua especial attenção aos institutos pios que tencionava legar aos posteros, e aos quaes vinculou avultados redditos.

Além do Hospital da Luz, principal criação sua de beneficencia, a Infanta deixou dotes a orfãs, esmolos de vestidos a ecclesiasticos e a mulheres pobres, e para a redempção de captivos; esmolos ás casas de orfãos e orfãs,—outras a estudantes pobres do collegio de Evora, es-

molas ás Misericordias de Vizeu e de Torres Vedras, aos seus creados, etc.

Além d'isso ordenou a fundação do convento de beneditinas da Encarnação, para 62 monjas e 20 servas, construindo-se o edificio á sua custa; determinou a criação do collegio de S. Francisco em Coimbra, para que a ordem tivesse mais lettrados e bons prégadores; deixou numerosos legados pios a capellas, mosteiros e egrejas, manifestando notavel deferencia pelo Provedor da Misericordia, áquelle tempo magistratura da mais alevantada categoria.

Fr. Miguel Pacheco publicou, vertido em hespanhol, o testamento da Infanta (1). Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existe porem manuscrito o *Treslado*, do qual se fez a impressão em folheto. Encontra-se no volume marcado U—4—6. Abre este volume pela copia ou *Treslado* referido, no fim do qual se leem os pareceres de 30 de janeiro de 1629 assignados por Fr. Sebastião dos Santos, e a licença para se imprimir, de 8 de fevereiro do mesmo anno, assignada por Gaspar do Rego da Fonseca. E depois de impresso foi conferido com o original, como no fim se declara em nota.

Da edição impressa existe tambem na Bibliotheca Nacional, collecção dos reservados, um exemplar, sob n.º 34 (A). Innocencio descreve este folheto e indica a sua existencia na Bibliotheca. Não tem rosto, nem data, nem lugar da impressão; consta de 16 pag. innumeradas, com uma vinheta, contendo o *treslado* do testamento, e de mais 16 pag. tambem innumeradas, sob o titulo de *Treslado do codicillo*, igualmente acompanhadas de vinheta e inicial ornada.

O sr. dr. Sousa Viterbo diz-nos que o testamento foi publicado em 1610 por Antonio Alvarez e que o unico exemplar conhecido desta edição existia em 1882, ao tempo em que o illustre investigador assim o escrevia, na copiosa e selecta livraria de Fernando Palha (2)

No volumoso catalogo, que se publicou, desta magnifica livraria, sob numero 2882 descreve-se esta especie bibliographica da seguinte fórma:

(1) Obra citada, fl. 172 a 185 v.º

(2) *Notas ao Catalogo da Exposição de Arte ornamental, Cap. V.*

Treslado do testamento da Iffante que Deos tem. Com licença da Santa Inquisição, & ordinario. Em Lisboa. Por Antonio Alvarez. Anno 1610. In fol. de 15 ff. innumeradas, capital ornada.—E acrescenta ser o unico exemplar conhecido de uma especie não descripta pelos bibliographos.

Na livraria da Torre do Tombo existe porém, como nol-o denuncia o infatigavel investigador sr. general Brito Rebello, na sua ementa sobre *Gil Vicente*, um exemplar impresso em 1629, no qual se não menciona edição alguma anterior.

No codice manuscripto, em que se acha o *Treslado*, encontra-se tambem o *Regimento do Hospital da Luz*, identico á copia de que adiante farei o extracto.

Não carecem de commentarios as disposições claras, expressas, significativas do testamento, que passo a extractar, transcrevendo apenas mais extensamente os numeros que se referem a intenções piedosas e caritativas da Infanta.

Eis as verbas do testamento e respectivo codicillo:

Disposições do testamento

1—Manda que o seu corpo seja levado á capella que está construindo no mosteiro de N. Sr.^a da Luz, sendo antes depositado no capitulo novo da Madre de Deus, caso a obra da capella se não ache concluida ao tempo de sua morte, devendo na igreja dizer-se missa quotidiana alem de outras que enumera.

2—Deixa ao cuidado dos testamenteiros, do rei e do cardeal D. Henrique a determinação das pompas do seu funeral, e prescreve o requiem e officios nas egrejas e conventos no dia do seu fallecimento.

3 e 4—Manda que primeiro que tudo se paguem suas dividas.

5—Ordena se paguem todos os salarios e ordenados ás pessoas da sua casa, conforme os roes e apontamentos que deixar.

6—Deixa aos Padres de N. Sr.^a da Luz para dotação da sua Capella e jazigo em cada anno 500\$000 réis de juro perpetuo com obrigação de missa quotidiana cantada com responso e outras, pagando-se tambem os religiosos e officiaes do Hospital, cera e fabrica da Igreja.

7—Prescreve que o Hospital tenha 63 camas para enfermos pobres não incuraveis nem de doença contagiosa, tratando-se com toda a caridade e diligencia com medico, botica, boa comida e roupa lavada, implorando da Senhora lhe alcance em troco a bemaventurança. E quer sejam alli tambem acolhidos os peregrinos pobres.

8—Declara ser sua tenção que o governo e regimento deste Hospital

fiquem em caderno firmado pela fundadora, ou caso morra antes, recommenda a seus testamenteiros o façam ordenar, quanto for possível, segundo o que a rainha D. Leonor (sua tia) deixou ao Hospital das Caldas.

9—Dá de dote ao Hospital dois contos de juro que o Prior do Convento fará cobrar.

10—Deixa para 9 orfãs se casarem cada anno 450\$000 réis de juro, para dotes de 50\$000 réis a cada uma. Serão orfãs escolhidas pelos Officiaes da Misericórdia de Lisboa, gente limpa e sem raça; as quaes deviam ir em ro-maria a Nossa Senhora da Luz para ouvir missa do dia e sermão, e encomen-dar a Deus a alma da princeza, no domingo infra-octavas de N. Sr.^a da Visi-tação.

11—Deixa mais 300\$000 réis de juro para que em cada anno se redimam 5 captivos, tres meninas e dois meninos, havendo-os, ou tres mulheres e dois homens; receberá o D. Prior este juro e o dará ao Thesoureiro dos Captivos, sem ser por mão dos mamposteiros; e os captivos reunidos deviam ir em ro-maria a N. Sr.^a da Luz, com os certificados em que se mostre terem sido redi-midos por este legado (¹).

12—Encarrega mais o dito Prior de cobrar 36\$000 reaes de juro para vestir 9 mulheres pobres pela festa de N. Sr.^a da Encarnação e outras 9 pela Natividade.

13—Ordena se vistam 12 sacerdotes pobres em 5.^a feira de endoenças, —pelo juro de 60\$000 reaes á razão de 5\$000 reaes cada vestido.

14—Manda que se vistam 33 pobres cada anno em 6.^a feira santa, á custa de 50\$000 réis de juro.

15—Ordena a fundação de um mosteiro de monjas de S. Bento para 62 monjas e 20 serviçaes. Para dote deste instituto lega conto e meio de juros (²).

16—Determina o processo de clausura e que a invocação do mosteiro seja de N. Sr.^a da Encarnação.

17—Ordena que nas casas em que residem em Coimbra os collegiaes da Ordem de S. Francisco, de que se confessa mui devota, se crie um aloja-mento para 30 collegiaes, com o dote de 5:000 cruzados, e mais 200\$000 reaes de juro cada anno para seu sustento. Será chamado este collegio de S. João Evangelista, e caso alguma vez não quizesse a ordem mantel-o, passaria o legado á Misericórdia de Lisboa.

18—Deixa 7:000 cruzados ao mosteiro da redempção dos captivos.

19—Ordena uma missa quotidiana na Misericórdia de Lisboa em altar privilegiado, pelas Almas do Purgatorio —pela esmola de 1\$650 reaes cada mez.

20—Ás monjas de N. Sr.^a do Rosario desta cidade 500 cruzados para um dormitorio.

(¹) Por certo em lembrança da lenda de Pero Martins e dos milagres de N. Senhora da Luz.

(²) Destas 62 freiras, 25 seriam de nobre geração, recebidas sem dote, pela maior parte orfãs, mas todas de boa fama, e as mais gente limpa e sem raça.

21—Manda que as missas que se lhe diziam em Belem passem para N. Sr.^a da Luz; e determina o modo como hão de ser ditas.

22—Deixa uma esmola de 100 cruzados a cada Mosteiro de Lisboa e arredores, entrando o da Sr.^a da Piedade de Azeitão, o de S. Paulo de Almada (para cujas obras manda dar mais 1:000 cruzados), os de Belem, Odivellas, S. Bento de Enxobregas, casas de orfãos e orfãs, Chellas, etc.

23—Para a ajuda da fabrica da capella da nova freguezia de Santa Engracia (de que sou freguez, diz o testamento), 1:000 cruzados e mais 300 para um Relicario, onde se conservem as reliquias da Santa, que a Princeza possuia (!).

(!) A devoção da Infanta D. Maria influíu para que por Breve de 30 de agosto de 1568 se desanexasse da parochia de Santo Estevão uma boa porção de moradores, que ficavam extra-muros da cidade, para com elles se crear a nova parochia de Santa Engracia, junto das portas da Cruz. A igreja foi edificada por finta entre os freguezes. Esta disposição testamentaria não obteve, como nenhuma outra, immediata execução. Só 18 annos depois o arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, como testamenteiro da Infanta, mandou fazer em 1595 o relicario, que é objecto de arte precioso, hoje felizmente exposto de um modo permanente á veneração dos feis e admiração dos estudiosos e artistas, graças ás diligencias do actual e illustrado parcho, meu estimavel consocio e prestante archeologo monsenhor Elviro dos Santos, que por tal motivo publicou uma elucidativa noticia—*Busto de prata de Santa Engracia*—acompanhada das photogravuras do precioso relicario (Lisboa 1898).

Já muito antes porém o meu eminente consocio e prezado amigo sr. dr. Sousa Viterbo descrevera este documento artistico na sua memoria—*Notas ao Catalogo da Exposição de Arte Ornamental*—(Lisboa 1882) pela maneira seguinte:

«O busto é de tamanho natural approximadamente, de prata rebatida, branca e dourada. O rosto é encarnado, tendo um cravo na testa, emblema do martyrio da santa. Está trajada e penteada á epocha, tendo na cabeça, collocada na parte posterior, uma corôa aberta de prata dourada. Ao centro do collo, e inferiormente, ha uma abertura oval tapada por um vidro através do qual se vê a reliquia, um osso.

«A peanha ou base, sobre que assenta o busto, tem a fôrma elliptica. A parte anterior dividida em tres especies de almofadas; na do centro as armas da infanta D. Maria; nas dos lados a seguinte inscripção em caracteres romanos, que reproduzimos, desenvolvidas as abreviaturas:

RELÍQVES DE S.^A ENGRACIA
 QVE VIERAÕ DE SARACOÇA
 HA PÍTIÇÃÕ DA IFANTE DO-
 NA M.^A F.^A DELREÏ D. MANOEL
 E ELA EM SEV TESTAMENTO MANDOV

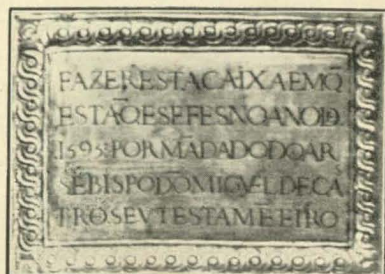
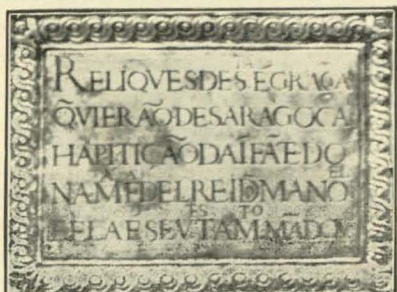
FAZER ESTA CAIXA EM QVE
 ESTAÕ E SE FES NO ANO DE
 1595 POR MANDADO DO AR-
 SEBÍSPÕ DÕ MÍGVEL DE CAS-
 TRO SEV TESTAMENTEIRO.

«A face posterior do pedestal tem outras tres almofadas; a do centro com as armas da Infanta; as dos lados tem cada qual uma corôa atravessada por uma palma.

«As almofadas lateraes tem ao centro o mesmo brasão. O brasão anterior é de todos o que tem maior dimensões.

«O relicario compõe-se de tres peças que se ajustam—pedestal, corpo e cabeça. Segundo me informaram, lê-se na parte interior uma inscripção identica á externa.

«A imagem era adornada com brincos, como se observa facilmente pelos buracos existentes nos lobulos das orelhas, mas desappareceram».



Busto de prata da INFANTA D. MARIA, e suas inscripções.

24—Recomenda a seu irmão Cardeal o mosteiro de freiras que fundou em Evora, consagrando-lhe juro de sua fazenda.

25—Quer que no Collegio do Espirito Santo de Evora haja 12 filhos de fidalgos pobres estudantes, a quem manda para seu sustento 25,000 reaes a cada um e 30,000 reaes para um sacerdote, tambem estudante pobre, cuja missa ouvirão todos os dias os outros estudantes.

26—Quer que emquanto seu corpo estiver na Madre de Deus as monjas lhe digam todos os mezes cada primeira sexta feira um officio e uma missa de Requiem cantada, e responso cantado, havendo cada anno 24,000 reaes de esmola.

27—Que na trasladação se lhes dê 300 cruzados para uma peça da sacristia, e pelo habito com que ha de ir vestida 24,000 reaes para vestiaria da casa.

28—Ao mosteiro em que está a Infanta Dona Isabel 2000 cruzados.

29—Fala na fórma do enterro e sepultura.

30—Deixa 200 cruzados á Misericordia de Vizeu e outros 200 á de Torres Vedras.

31—Pede ao Provedor e Irmãos da Misericordia de Lisboa que na dotação de orfãs, escolham algumas destas duas localidades.

32—Prescreve o modo de cobrar as esmolas para o mosteiro de Santa Helena de Evora.

33—Declara que dos 500,000 reaes referidos no n.º 6 serão metade para as missas cantadas e rezadas quotidianas do Hospital e sustento dos 2 officiaes delle e o resto para a fabrica da capella.

34—Quer que o mosteiro da Encarnação se faça á sua custa, obra forte e de dura, mais que rica, com claustro de abobada, portaes de pedraria, dormitorios desafogados e bem assombrados, etc.

35—Pede a Elrei procure haver os bens que o Imperador Carlos V deu a sua mãe e que superintenda e vele pela execução de suas ultimas vontades e deixa-lhe a sua armação de pannos de Tunis, que custou 20,000 cruzados, onde faltam dois já feitos e pagos, que mandou vir de Flandres (!).

36—Envia uma cruz de diamantes com uma perola pendente, a D. Antonio, seu sobrinho.

37—Quer que o Hospital tenha o dote de dois contos de juro, cujo rendimento se lhe applicará, e que seja edificado de modo que da enfermaria ou enfermarias, abrindo-se as portas, possam os doentes na cama assistir aos officios da capella; que toda a roupa e adereços do Hospital sejam á sua custa.

Este busto representa sem duvida a imagem da Infanta, e lembra no seu aspecto os retratos dos dois quadros da Luz.

(!) Quando em 1622 os Conventos Carmelitanos festejaram a canonização de Santa Thereza, a igreja da ordem de Lisboa esteve armada com *pannos de Tunes*—nem que de seda e ouro se veem as historias das conquistas da Goleta e Tunes retratadas tão ao vivo que deixão atraz os delicados pinceis de Zeuzis e Thimantes». Assim fala a *Chronica dos Carmelitas descalços*, tom. I, pg. 600, citada pelo sr. dr. Sousa Viterbo nas suas *Notas ao Catalogo*, cap. V. O erudito escriptor accrescenta que é muito natural que esta armação fosse a mesma que havia pertencido á Infanta.

38—Pede ao seu confessor P.^o Fr. Francisco Foreiro faça o regimento delle, ou em sua falta seus testamenteiros.

39—Ordena por testamenteiros o Cardeal Infante, seu irmão, e o Arcebispo de Lisboa, e governador de Lisboa, e os que neste cargo lhe succedessem.

40—Nomeia Thesoureiro da herança a Antonio Vaz Bernaldez.

41—Indica a Christovão Leitão seu dispenseiro-mór para escrivão do thesoureiro.

42—Declara universal herdeiras de seus bens as almas de seu pai e mãe e a sua propria, de modo que se alguma cousa restar após o cumprimento dos legados referidos se gaste assim:

Cem mil reaes de juro aos Padres do Collegio da Companhia em Evora para educação dos moços fidalgos pobres atraz nomeados, e 200 mil reaes ao Hospital de Lisboa, que elrei seu pai instituiria, para ajuda do gasto com os meninos enjeitados, e todo o restante se dará á Misericordia de Lisboa, para o dispender por sua alma, conforme ao regimento da casa.

43—Pede e recommenda a elrei que procure receber de França o que se lhe deve, que são duzentos e tantos mil cruzados, para melhor se cumprirem os legados deste testamento, que declara ser sua ultima vontade, em fé do que assignou por sua mão a 17 de julho de 1577. Assim o approvou João Rodrigues Jacome, escrivão publico de notas, no dia 18 de julho, na cidade de Lisboa, extramuros, nos paços da Ser.^{ma} Snr.^a Infanta, estando a dita senhora presente doente, porém erguida. e em todo seu perfeito juizo, perante testemunhas que foram João de Mendoça, Veedor de sua fazenda, Fernão da Silva, do conselho delrei, Jorge de Mendoça, tambem do conselho delrei, Christovão Esteves e Sebastião da Foncequa, escrivão de fazenda da Infanta.

Mezes depois accrescentou-lhe o codicillo, no qual dispunha o seguinte:

Afim de aclarar mais algumas das disposições testamentarias e accrescentar outras que confirma e tem por boas, determina: que o legado a Nossa Senhora da Luz é o primeiro que deseja se cumpra e por isso pede a elrei e a seus successores, a quem nomeia Padroeiros e administradores da Capella e Hospital, que ordenem á Mesa da Consciencia tome contas aos Padres da Luz e que no compromisso da Capella e Hospital, de que haverá uma copia na Mesa da Consciencia, se declarem miudamente todas as suas expressas vontades e quer que a Capella se acabe logo conforme a traça que está feita e o Hospital tambem se comece logo a fabricar, com os dois contos de juro, accrescentados, se não chegarem, com mais algum dinheiro que seus testamenteiros lhe dêem.

—Quer que o mosteiro de monjas de S. Bento (Encarnação) de Lisboa se erija em sitio alegre e sadio, com muita agua.

—Lembra que acabem á sua custa o mosteiro de S.^{ta} Helena de Evora e o colloca sob a protecção de elrei, ao qual deixa tambem por Padroeiro delle e do mosteiro de capuchos de Torres Vedras.

— Quanto ao legado para o Collegio do Espirito Santo de Evora, diz que se a seu irmão Cardeal não parecer bem ordenado, o determine elle mesmo como melhor entender.

— Recommenda a elrei os seus criados, e as suas damas, especialmente duas que não teve tempo de casar.

— Encarrega o thesoureiro A. Vaz Bernaldes de cuidar pela sua fazenda, pelas obras do Hospital e capella.

— Refere-se largamente ás suas terras e bens de França aonde mandou como procurador a Domingos Leitão, e aos ornamentos e prata que deseja se mandem fazer para a sua capella da Luz. Estes ornamentos hão de ser, diz, seis inteiros, e cada ornamento ha de ter tres frontaes para os 3 altares que a capella ha de ter; um ha de ser de brocado rico, o outro de veludo crame-sim e tela de ouro; outro de veludo verde e tela de ouro, outro de veludo roxo e tela de ouro, outro de damasco branco e tela de ouro, outro de damasco preto e veludo preto; todos estes ornamentos hão de ter franjas e cordões e borlas ricas.

— A prata, serão 3 alampadas de prata de 30 marcos cada uma, de muito bom feitiço; 3 calices ricos; 8 castiças grandes de prata para o altar mór e para os 2 altares da capella-mór; uma cruz grande de prata dourada; um thuribulo e naveta, porta-paz, gomil, prato para a credencia, caldeira e hissope, tudo de prata dourada; 6 galhetas sendo 2 maiores, caixa de hostias, campainha, caçoula, 6 castiças pequenos, tudo de prata.

— Manda que se lhe deem á capela as alcatifas de Cambaya e a roupa branca necessaria, tudo á conta dos 5000 cruzados, e do que sobrar farão os Padres do mosteiro vestimentas e frontaes (1)

— Renova a nomeação dos testamenteiros, deixando-lhes como lembrança dois diamantes que elles escolherão de suas joias, que valham 800 cruzados cada um, de que farão dois anneis, e estabelece 400 cruzados como remuneração ao solicitador da herança.

— Depois voltando novamente aos dotes, insiste em que as 9 orfãs sejam honradas, de boa casta e sem raça nenhuma, pobres e desamparadas, e não só de Vizeu e Torres Vedras, mas de qualquer outra terra ou paiz, escolhidas pelo Provedor da Misericordia, dando-se-lhes o dote de 50,000 reaes só na Igreja da Luz, onde irão com seus maridos e tutores e com um official da Misericordia.

— A Nossa Snr.^a da Luz deixa uma quinta que junto della comprou a Dona Maria Coutinho; o pomar della e horta se juntarão aos dos Padres, ficando tudo um e as casas ficarão de fóra, para pessoas fidalgas honradas que alli fiquem até 15 dias, o maximo, quando vão fazer as novenas. E esta quinta nunca a poderão vender ou alienar.

(1) Existem alguns destes magnificentes exemplares de arte ornamental do seculo XVI. Figurou na Exposição de Arte ornamental de 1882 o frontal de seda branca com tiras de veludo carmezim, e com o brasão da Infanta, bordado a ouro, e a Academia de Bellas Artes possui algumas alfaias compradas em leilão áquella igreja. Leia-se o capitulo V das *Notas ao Catalogo da Exposição* pelo sr. dr. Sousa Viterbo

— Á confraria do bemaventurado S. Sebastião, alli instituida pelos creados de sua Casa, a qual deseja se conserve numa Capella da invocação do mesmo Santo, deixa 600 cruzados, com obrigação de missas, vespersas e officios.

— Manda repartir suas reliquias pelos mosteiros da Luz, de Evora e Encarnação, em cada um dos quaes haverá relicario de prata muito bem feito (!).

— Refere-se ainda a duvidas juridicas na herança de seu Pai, e ao seu enterro.

— Quer se conserve a sua casa por um mez; que sejam fôrros todos seus escravos e escravas, dando-se a cada escravo 10,5000 reaes em dinheiro e a cada escrava negra 20,5000 reaes para se casar, e ás brancas 40,5000 reaes para o mesmo fim.

— Fala por ultimo das remunerações de serviços aos Condes de Vimioso e a todos os seus servidores.

Fecha o codicillo em 31 de agosto de 1577, sendo approvedo a 2 de setembro no mesmo paço de Enxobregas, junto ao mosteiro de Santos o novo, perante as mesmas testemunhas e pelo mesmo notario.

(Continua).

VICTOR RIBEIRO.

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ACTA N.º 13

Sessão de Assembléa geral em 30 de Dezembro de 1905.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Rozendo Carvalheira.

Secretarios, Rocha Dias e o sr. Rodrigues Fernandes.

Abertura ás 9 horas da noite, achando-se presentes, além da mesa, os seguintes socios, srs.: Conde de Sabugosa, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Dr. Caetano da Camara Manuel, Visconde da Torre

(!) O incansavel investigador da historia da arte e das industrias nacionaes, o sr. dr. Sousa Viterbo denunciou-nos nos seus estudos a existencia documentalmente provada do ourives da Infanta, Pedro ou Rodrigo de Alviar, cavalleiro da casa delrei e nomeado em alv. de 26 de setembro, a pedido da Infanta, para mestre da casa da moeda da cidade de Goa, na ausencia de Bastião Ruberte. Pelo documento se vê que elle servia havia 22 annos a Infanta. Vidé *Notas ao Catalogo*, cap. X, e *Artes e Artistas em Portugal* pag. 118. Lisboa 1892.

da Murta, Dr. Arthur Lamas, Jesuino Ganhado, Antonio C. Mêna Junior, José Alexandre Soares, Sebastião da Silva Leal, Antonio Felix da Costa e Julio Augusto Ferreira.

Acta—approvada.

O secretario Rocha Dias disse que o sr. Presidente, Conselheiro Cunha, o encarregára de participar á assembléa que por incommodo de saúde não podia comparecer, e que, attendendo aos pedidos da associação, pelo Ministerio das Obras Publicas se mandára já proceder ao orçamento da conclusão das obras na igreja da Estrella e ver quaes as que falta ultimar na igreja de S. Vicente, assim como se conseguira que o *Boletim* seja impresso gratuitamente numa officina do Estado.

Approvou-se por unanimidade uma proposta de sr. Carvalheira para que na acta fosse consignado um voto de louvor e agradecimento ao sr. Conselheiro Cunha por ter alcançado tão grande vantagem para a situação economica d'esta collectividade.

O sr. Presidente, vendo na Mesa um folheto offerecido á nossa Associação pelo sr. Mêna Junior, e que tem por titulo *A casa onde falleceu Bocage*, disse que trabalhos d'esta importancia, em que se revelam excepcionaes aptidões e consciencioso estudo, são de valor muito apreciavel em relação ás tradições historicas do nosso paiz, e propoz que se exarasse na acta um voto de louvor áquelle nosso illustrado consocio.

Foi approvedo unanimemente.

O sr. Mêna agradeceu.

Correspondencia:

Um officio do sr. Conselheiro Severiano Monteiro, Director geral interino das Obras Publicas e Minas, participando que, por despacho de 4 do corrente, S. Ex.^a o Ministro auctorisára a despeza a fazer com o transporte e arrumação, no Museu do Carmo, da campa de Fernão Lopes Corrêa.

O sr. Presidente, notando que da parte do sr. Conselheiro Severiano Monteiro tem havido sempre todo o empenho em promover que sejam satisfeitos os pedidos d'esta Associação, propoz um voto de louvor e agradecimento a S. Ex.^a.

Unanimemente approvedo.

O presidente da Camara Municipal da Povia de Lanhoso, sr. Alvaro Ferreira Guimarães, accusando a recepção do officio de 7 do corrente, informou que naquella villa não existem já nem o pelourinho nem vestigios d'elle; porque, tendo este desaparecido do seu logar ha mais de quinze annos, foi por esse tempo collocada a pedra principal no cimo d'um marco fontenario e pouco depois derrubada e partida pelo vandalismo.

Communicou o sr. Presidente da Commissão Executiva do Conselho Superior dos Monumentos nacionaes, em resposta ao officio de 6 do corrente, que, não obstante a antiga igreja parochial manuelina da villa da Batalha não estar comprehendida na classificação dos monumentos nacionaes, a mesma Commissão, por informação particular recebida da localidade, soube que algumas obras se estavam realisando na referida igreja em desharmonia com o estylo fundamental.

Em resultado d'este facto officiou em 2 de agosto proximo passado ao Ministerio das Obras Publicas, que em resposta enviou um officio do Director das Obras Publicas de Leiria envolvendo as seguintes conclusões: «que a junta de parochia da freguezia da Batalha administra e dirige as obras de construcção de uma torre junto á antiga igreja matriz, d'aquella villa, a qual é feita com as esmolos dadas pelos parochianos: que a construcção d'aquella torre foi motivada pelo estado de ruina em que se achava a antiga: que a torre tem já approximadamente 15^m,0 d'alto e estão prestes a serem assentes os campanarios: que o portico é em estylo manuelino: que interiormente ha a parte posterior de um altar em estylo renascença: que as obras que a junta de parochia está executando e que tenciona por agora executar, consistem apenas na construcção da torre e finalmente que aquelle templo não está a cargo da direcção, nem está relacionado nos monumentos nacionaes.»

O secretario Rocha Dias declarou que o Conselho Facultativo julgára nas condições de ser admittido a socio correspondente o sr. Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher, redactor do jornal *Leiria Illustrada*, conforme a proposta apresentada na sessão antecedente pelo socio monsenhor Alfredo Elviro dos Santos e tambem assignada pelos socios srs. Sebastião da Silva Leal, Arthur Lamas e Gabriel Pereira.

O sr. Presidente agradeceu a sua reeleição para a vice-presidencia da mesa e tratou de justificar uma proposta que numa das sessões

passadas formulára e que na sessão antecedente deu motivo a discussão por parte de dois respeitaveis socios, a cujas intenções se associa no que toca ao desejo que zelosamente manifestaram de serem salvaguardados os direitos, a autonomia, a independencia da nossa Associação. Nessa proposta, ou lembrança, de character provisório, que se resolvêra deixar para mais maduro estudo, e só depois d'elle feito pelos socios então presentes constituídos em commissão, ser trazida á assemblea, que podia ouvir ainda as secções, tratava-se da questão de adaptar uma das capellas do Museu para se depositarem os ossos do condestavel D. Nuno Alvares Pereira e os objectos historicos que se correlacionassem com aquella individualidade. Nunca lhe passou pela mente que para este fim se restaurasse ou reconstruisse qualquer das capellas; mas apenas que se apropriasse o existente a uma *capella-museu* dedicada ao condestavel. Era uma idéa como que em esboço, para se estudar, que os membros da commissão discutiriam se era ou não viavel, se devia ou não ser posta de parte. Entretanto, Monsenhor Conego Botto e Monsenhor Elviro dos Santos, com a auctoridade profissional de que estão revestidos, expuzeram razões e factos em virtude dos quaes parece que pôde resultar interferencia estranha á acção liber-rima da nossa Associação. Podendo occorrer este caso, é o primeiro a pedir á Commissão que desista de mais estudos da proposta. Mas, se por tal motivo se vê forçado a transigir, tambem observa com profunda máguia que não possamos conseguir que os ossos do fundador d'este templo voltem justamente para onde elle quereria que ficassem.

O sr. Ganhado é de parecer que, não estando ainda canonisado D. Nuno Alvares Pereira, devemos consideral-o, para a questão de que se trata, apenas como um patriota, um esforçado servidor do paiz, e não como um santo.

Monsenhor Elviro dos Santos affirma que o processo de canonisação está correndo e que a Santa Sé nunca manda fazer qualquer d'estes processos, quando não tem a certeza do resultado.

O sr. Presidente diz que o facto de estar ou não canonisado o famoso condestavel não constitue obice para que ás suas reliquias se destinasse um chão sagrado, tanto mais que ellas não se encontram abandonadas, mas a bom recato na capella particular do Senhor Patriarcha.

Monsenhor Elviro dos Santos entende que não se podia effectuar a adaptação de qualquer das capellas, como queria o sr. Carvalheira, sem haver reconstrução ou restauração; e sustenta a opinião que emit-

tiu na sessão antecedente ácerca da intervenção ecclésiastica na Associação desde o momento em que se pretendesse guardar numa capella do Museu os ossos do Condestavel, que ha annos foi achar e bem assim os da mãe do mesmo, num altar que contra sua vontade mandaram depois demolir, da capella dos Meninos de Palhavã, no mesmo cofre em que estão hoje na capella do Senhor Patriarcha. Onde ficavam bem era ao meio do cruzeiro da egreja dos Jeronymos em Belem. Reservase para, em occasião opportuna, converter numa proposta esta sua indicação.

O sr. Presidente agradeceu muito as elucidacões de Monsenhor Elviro. E' porventura inconveniente para a Associação que se realise a idéa da sua proposta? Não insiste nella; resigna-se, mas resta-lhe a magua de a ver contrariada.

Passou-se á discussão da seguinte proposta:

«Sendo esta Real Associação uma das que maiores serviços teem prestado ás artes e á sciencia da archeologia, já obstando desde longos annos a que muitos edificios tenham sido arrazados ou mutilados, já promovendo a restauração de outros, e ainda reunindo neste glorioso monumento verdadeiras preciosidades archeologicas d'um valor incalculavel para a historia e sendo a precursora da defeza e conservação dos monumentos nacionaes, pois foi a primeira entidade legalmente constituida que se occupou d'ella; proponho para que se represente ao governo de Sua Magestade para que o Presidente d'esta Real Associação seja considerado vogal nato do Conselho dos Monumentos Nacionaes, pois a ninguem com mais jus pertence essa prerogativa, podendo-a considerar como um direito que esta prestimosa collectividade scientifica e historica pelos seus trabalhos tem por dever reivindicar.

Sala da Associação dos Architectos e Archeologos, 4 de Dezembro de 1905.

O socio effectivo

(a) *J. Rodrigues Fernandes.*»

Monsenhor Elviro dos Santos diz que em principio applaude a proposta, mas receia que, desde o momento em que o presidente d'esta Associação seja vogal nato do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, fiquemos na completa dependencia d'este corpo consultivo.

O sr. Ganhado entende, pelo contrario, que, tendo logar no conselho o nosso Presidente, podemos constituir-o em nosso defensor e encarregal-o de transmittir perante a mesma corporação todas as nossas pretensões, em vez de precisarmos enviar-lhe frequentes officios. E demais, tambem é sabido que alguns dos nossos consocios são membros do Conselho dos Monumentos e com isso nada soffre a nossa independencia.

O sr. Presidente disse que era preciso attender a que talvez se possa considerar inoportuno o pedido ao Governo. Parece-lhe que este pedido devia ter sido apresentado, quando se tratava do decreto organico d'aquelle conselho, em que se determinam quaes as entidades que d'elle podem fazer parte.

Depois de mais algumas observações, foi approvedo que se remetesse a proposta ao Conselho Facultativo para dar o seu parecer.

Monsenhor Elviro dos Santos, em desempenho do encargo que recebera da respectiva commissão, mandou para a mesa a minuta da representação ao Governo e da circular ás camaras municipaes com referencia a pelourinhos e cruzeiros, conforme se resolvera na sessão antecedente.—Foram lidas e approvedas sem discussão.

O sr. Visconde da Torre da Murta agradeceu a sua reeleição para conservador da Bibliotheca; e leu o relatorio da gerencia do Conselho Facultativo no anno de 1905.

Calorosos applausos se fizeram ouvir depois d'esta leitura, expressando o sr. Visconde o seu agradecimento.

O sr. Presidente pronunciou-se pela necessidade de organizar methodicamente o catalogo dos objectos existentes no Museu da nossa Associação, que tem cousas muito dignas de serem apreciadas em toda a parte, e que é cada vez mais visitado quer por estrangeiros, quer por nacionaes, o que prova que os estudos de archeologia estão altamente interessando todas as sociedades cultas.

Sem querer arguir de fórma alguma qualquer dos illustres consocios a quem porventura esteja commettido o encargo da redacção definitiva do catalogo, deseja, por uma questão de ordem, ser elucidado sobre o que ha a este respeito. Observa que de quarenta e tantos Museus que visitou no estrangeiro, de alguns dez ou doze não trouxe catalogos, porque não os havia; mas não deve ser isto um motivo para continuar o adiamento constante de um trabalho que se nos torna tão preciso.

O sr. Ganhado diz que pouco póde esclarecer o assumpto; mas parece-lhe que o dignissimo conservador sr. Gabriel Pereira tem já ha tempos reunido elementos para o Catalogo; e que em consequencia d'isso, os srs. Mêna Junior, actual conservador adjunto, e Francisco Soares O'Sulivand, quando foi conservador effectivo, sustaram os trabalhos que andavam fazendo com esse destino.

O sr. Presidente disse que seria muito para estimar que o sr. Gabriel Pereira quizesse assumir o encargo de superintender na organisação do catalogo, aggregando a si todos os srs. conservadores e mais socios que entendesse conveniente para se facilitar, por meio da divisão do trabalho, esse emprehendimento de tanto alcance para melhoria do nosso Museu.

Monsenhor Elviro dos Santos lembra a conveniencia de que o catalogo seja tambem impresso em francez.

Tendo o sr. Presidente alludido á falta de alguns numeros e estampas dos primeiros seis tomos do *Boletim* e á necessidade de reimprimil-os por conta da Associação, o secretario Rocha Dias expoz os motivos por que lhe parecia indispensavel ouvir o sr. Ernesto da Silva antes de se tomar qualquer resolução.

O sr. Presidente disse que em subseqüentes sessões voltaria a tratar do assumpto, que deve merecer cuidadoso e detido exame.

O sr. Presidente, depois de declarar que o sr. conde de Sabugosa o encarregára de pedir á assembléa que o desculpasse de não poder assistir a toda a sessão, mas que prestava o seu voto a todas as deliberações que se tomassem, congratulou-se por ver presente o novo socio sr. Julio Augusto Ferreira, em cuja intelligente actividade muito confia.

O sr. Silva Leal desejou saber se o Conselho déra já andamento á sua proposta sobre a creação de uma delegação em Braga e quando era que se fazia a inauguração do retrato de Valentim Corrêa.

O secretario Rocha Dias disse que o Conselho, na sua ultima reunião, tomára conhecimento da proposta do sr. Silva Leal e que nessa mesma sessão monsenhor Elviro dos Santos se incumbira espontaneamente de obter, por intermedio de um amigo seu que reside em Braga, uma informação minuciosa de quaes os socios correspondentes que actualmente existem naquella cidade e quaes os que estão dispostos a constituir delegação; e que, para o auxiliar nesta indagação, lhe foram remettidos um exemplar da relação impressa de todos os socios e outro do regulamento em vigor.

O sr. Presidente disse que tinha boas razões para crer que dentro em breve tempo o socio encarregado do elogio historico de Valentim Corrêa daria conta de si.

O sr. Julio Augusto Ferreira, agradecendo as palavras do sr. Carvalho, affirmou o seu incessante empenho em procurar ser util a esta Associação, que muito preza e venera.

Sendo já onze horas, o sr. Presidente encerrou a sessão.

O secretario

EDUARDO A. DA ROCHA DIAS.

Rectificação

Na pagina 325, linha 10.^a, do numero antecedente, onde se lê «pedras» deve lêr-se «peças».

RELATORIO DA GERENCIA

DO

CONSELHO FACULTATIVO

em 1905

Senhores—Perante a Assembléa Geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes vem o Conselho Facultativo dar conta, como lhe cumpre, da sua gerencia; e recordar os factos que mais interessaram esta Sociedade durante o corrente anno.

Desempenhar com escriptulosa sollicitude as funcções do seu cargo; zelar com desvelo os interesses da Associação; velar pelo seu desenvolvimento; attingir quanto possivel os seus elevados fins; ter por norma das suas deliberações a justiça e o dever, mereceu ao Conselho especial cuidado.

Se neste rumo nem sempre se encontram flores que lhe suavisem as asperezas, espera o Conselho, ao chegar ao termo da sua missão,

ter a honra de merecer a approvação dos actos da sua gerencia que singelamente passa a expor e submeter á apreciação imparcial e illustrada da Assembléa.

Officiou-se ao Conselheiro inspector dos serviços telegraphicos, o senhor Paulo Benjamim Cabral, sobre os inconvenientes da permanencia dos postes telegraphicos nos terraços do Museu.

Respondeu a inspecção communicando que tomará providencias para satisfazer os desejos desta Associação; porém até hoje continuam a permanecer no mesmo logar os referidos postes, sendo para receiar que derrubem pedras sobre a via publica, que causem algum desastre lamentavel!

Além disto appareceram recentemente fendas nos terraços por onde se infiltram as aguas pluvias, vindo cahir na sala da Bibliotheca, aonde pódem causar graves prejuizos.

O nosso digno Presidente tem diligenciado, com o maior interesse, que sejam ordenadas com brevidade as obras necessarias para pôr termo a estes inconvenientes, prejudiciaes ao edificio e á Associação.

Por officio do senhor Conselheiro Director Geral de Obras Publicas e Minas, datado de 2 de Setembro do corrente anno, foi participado a esta Associação que S. Ex.^a o Ministro e Secretario d'Estado dos negocios daquella repartição, em seu despacho de 29 de Agosto passado, determinou que as grades pertencentes ao convento de Mafra existentes no Museu do Carmo, fundado por esta Associação, sejam novamente collocadas na Real Basilica de Mafra; devendo por esse motivo serem entregues á primeira Direcção de Obras Publicas do districto de Lisboa que está incumbida da obra da sua collocação.

Effectuou-se a entrega em 9 de Outubro preterito á segunda secção da primeira Direcção de Obras Publicas.

Ao senhor Director do Museu Ethnologico Portuguez foi dado conhecimento que o nosso socio correspondente, o senhor José Augusto Carneiro, por via do senhor Antonio Cesar Mena Junior, communicou que existia no extincto convento de frades Franciscanos de S. João da Pesqueira, uma campa da sepultura de Sebastião de Carvalho, terceiro avô do grande ministro de El-Rei D. José; campa que hoje se acha arrecadada numa estrebaria.

Como esta Associação não póde fazer a despeza com a remoção daquella loisa sepulchral, participou áquelle zeloso archeologo esta descoberta, na persuasão que aproveitará a oportunidade de

adquirir mais esta curiosidade para o museu que sabiamente tem organizado.

Conforme a resolução da assembléa confirmada em sessão de 1 de Março preterito, foram tiradas, pelos empregados do Museu Ethnologico, os modelos em gesso pedidos pelo nosso socio effectivo e distincto archeologo o senhor Leite de Vasconcellos, director d'aquelle Museu.

Como foi deliberado em Assembléa geral subscreveu esta Associação com a quantia de vinte mil réis para o monumento do notavel estadista Marquez de Pombal.

Mandou-se encadernar o segundo volume do «Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e constructores Portuguezes ou ao serviço de Portugal», artisticamente como foi o primeiro volume daquella importante obra, para ser igualmente offerecido ao seu auctor o senhor Francisco Marques de Sousa Viterbo; sendo-lhe entregue em sua casa pelos nossos socios architectos os senhores Rosendo Carvalheira e Adães Bermudes.

Agradeceu o nosso erudito consocio esta prova de consideração e de apreço pelo seu notavel trabalho com expressões de reconhecimento muito gratas a esta Associação.

Pelo Ministerio das Obras Publicas foi determinada a conclusão das obras na casa deste edificio, fronteira á do porteiro, destinada a archivo e á arrecadação de differentes objectos pertencentes a esta Associação, e feitas as necessarias reparações e pinturas nos caixilhos das janellas do Museu.

O senhor Conselheiro Augusto Fuschini, presidente da commissão executiva do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, officiou communicando que fôra remettido ao governo o pedido que esta Associação fizera para se restaurar a fachada da egreja de Jesus em Setubal.

O senhor Director Geral de Instrucção Publica communicou que a direcção da Escola Polytechnica não se recusará a ceder a esta Sociedade o tumulo do governador da India, Fernão Telles de Menezes, uma vez que não contenha os restos mortaes daquelle governador e de sua mulher, e que esta Associação se preste ás despezas que occasionar a previa indagação a tal respeito.

Convindo saber qual o desembolso a effectuar com a remoção daquelle tumulo e sua erecção no nosso museu, caso nos seja cedido, foi encarregado o nosso consocio o senhor Antonio Cesar Mena de fazer a finesa de proceder ao orçamento necessario para esse fim.

Desempenhou-se com a sua costumada solicitude e competencia o nosso socio, desse encargo; calculando a despesa em 166\$000 réis.

Tendo a Assembléa conhecimento desta avaliação previa do dispendio a realisar com a remoção e erecção do mencionado tumulo, remetteu o orçamento ao Conselho para dar o seu parecer.

Foi enviada a proposta do senhor Silva Leal, sobre pelourinhos, ás secções d'Architectura e de Archeologia, e nomeada uma commissão especial para elaborar um parecer definitivo sobre a opinião das duas secções.

Sendo concordes com a proposta do nosso consocio, foi esta approvada pela Assembléa em 4 do corrente.

Foi auctorisada a impressão da Synopse dos trabalhos desta Associação desde o vigesimo quinto anniversario da sua fundação até 1904, e a relação nominal dos seus membros desde o seu inicio.

Este interessante trabalho é devido ao zelo e perseverança do nosso digno secretario o senhor Rocha Dias.

Propoz o nosso consocio o senhor Silva Leal que seja nomeada uma Delegação desta Sociedade em Braga, como determina o artigo 30 do nosso regulamento.

Continua o nosso Boletim sendo distribuido pelas corporações que tem relações com esta Sociedade, assim como por differentes Camaras Municipaes, Bibliothecas e pela Imprensa que muito tem captivado o reconhecimento desta Associação pela maneira como se tem occupado em dar publicidade aos nossos trabalhos, sempre com honrosas referencias a esta collectividade. Aqui lhe consignamos a expressão da nossa viva gratidão.

Foi fixado o preço de 200 réis ao segundo tomo das *Noticias archeologicas*, que veiu completar o primeiro volume daquella publicação devida á larga e paciente investigação do seu auctor o nosso dedicado consocio o senhor Rocha Dias; e de 500 réis a cada exemplar da noticia historica *O Pelourinho de Cintra*, extractada do nosso Boletim, numero 4 do tomo X.

Este interessante e curioso trabalho revela a consciente e intelligente indagação que o nosso esclarecido socio o senhor Mena Junior empregou para colher elementos seguros para o seu estudo, que illustrou com uma planta e estampas elucidativas.

A Missão Elias Garcia, fundada pelo Instituto Vintem das Escolas, pediu, em officio dirigido a esta Sociedade, auctorisação para

visitar o nosso museu em qualquer quinta feira que a Associação designasse.

Concedida a auctorisação solicitada, foi rogado ao senhor Gabriel Pereira o favor de receber aquella corporação e dar-lhe os esclarecimentos necessarios.

Acceptou o nosso consocio aquella incumbencia, que desempenhou com a sua notoria auctoridade.

No exame do passado ha sempre lição e conselho; por isso foi deliberado que fossem admittidos todos os estabelecimentos de ensino que solicitassem igual concessão.

A Academia dos Estudos Livres dirigiu a esta Associação um officio communicando que, tendo projectado promover uma manifestação commemorativa da batalha de Aljubarrota, desejava, entre outras demonstrações que indicava, fazer uma visita ás ruinas do Carmo; exprimindo o desejo que fosse nomeado um dos nossos socios para explicar no proprio local o que era e o que significava aquella maravilha archeologica, e que depois da visita dos membros da Academia, fosse permittida a entrada franca a todas as pessoas que desejassem ver as magestosas ruinas.

Annuindo com prazer a nossa Associação á idea patriotica da benemerita Academia, convidou o nosso erudito consocio o senhor Gabriel Pereira, primeiro conservador do Museu, a receber aquella corporação e a dar-lhe com a sua provada competencia as necessarias explicações.

Acompanhado pelos socios, os senhores Dr. Arthur Lamas, Victor Ribeiro, Silva Leal, o Secretario e o Bibliothecario, recebeu o senhor Gabriel Pereira a mencionada Academia neste monumento de gloria nacional, que a piedade do grande Condestavel erigiu em 1389, depois de haver firmado com singular denodo a independência da patria na sempre memoravel batalha de Aljubarrota, onde praticou rasgos de sublime dedicação, lances de extremado heroismo com tanta força e esforço, com tanto alento como nunca se viu!

Liberalmente recompensado pelo seu rei e seu amigo, coberto de honras e mercês, no auge do poder e no fastigio das grandezas, viu esse Vulto epico renunciar sob estas abobadas á gloria das armas, ao lustre das conquistas e ás pompas do mundo!

Profundamente religioso, de vivas crenças e fervente fé, trocou neste recinto o nome illustre de D. Nuno Alvares Pereira, tão amado

entre os seus e invejado entre os estranhos, pelo simples nome de Nuno de Santa Maria, vestindo o habito humilde de Carmelita!

Foi aqui, no convento do Carmo, longe do ruido do mundo, no silencio do claustro, que esse altivo guerreiro e christão piedoso exhalou o ultimo alento no dia 1 de Novembro de 1431.

Modelo de lealdade, acrisolada virtude e exemplar modestia foi a sua memoria consagrada pelo povo portuguez, que a venera com tão entranhado acatamento que as nuvens do tempo jámais envolverão no esquecimento!

Nenhum outro local seria mais proprio, mais adequado do que o recinto destas historicas ruinas, para prestar respeitosa homenagem á memoria veneranda do insigne Condestavel e dar uma demonstração publica de sentimentos patrioticos, recordando e fazendo recordar o memoravel dia 14 de Agosto de 1385.

Minuciosamente examinadas pelos membros daquella prestante Academia estas preciosas ruinas, e os objectos patentes no Museu, e dadas pelo senhor Gabriel Pereira todas as explicações sobre a Egreja e convento do Carmo, desde a sua fundação até á actualidade, instituição do nosso Museu e esclarecimentos referentes aos objectos que alli se acham reunidos e colleccionados, terminou com essa notavel exposição aquella visita official.

Tomadas as devidas providências para que a ordem e o decóro fossem mantidos em todo o rigor, foi franqueada a entrada no museu ao publico que concorreu em numero superior a tres mil pessoas manifestamente interessadas em admirar este notavel edificio e os objectos archeologicos que elle encerra.

Associando-se esta corporação a essa manifestação civica, cumpriu, mais uma vez, a sua elevada missão!

Demonstrar o valor e interesse dos nossos monumentos historicos, incutir o respeito devido ás suas tradições, tornar conhecidos os estylos architectonicos que caracterisam diferentes epochas; evidenciar a importancia da archeologia para comparação das civilizações passadas, seus progressos e desenvolvimento; finalmente derramar a instrucção e despertar no publico a consciencia da sua utilidade e alcance, tal foi, e tal é ainda hoje a nobre divisa da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes!

A 22 de Agosto passado officiou a Academia dos Estudos Livres agradecendo á nossa Associação ter concedido a licença por ella solicitada.

Referindo-se ao senhor Gabriel Pereira diz o seguinte: «Fomos ali recebidos pelo Ex.^{mo} Senhor Gabriel Pereira que, representando digna e sabiamente essa benemerita collectividade, nos proporcionou soberba lição sobre tudo quanto devíamos admirar nos magestosos restos do templo predilecto de Nun'Alvares».

Folga o Conselho que ao nosso prezado e digno consocio fosse feita justiça ao seu incontestavel merito e illustração.

O Senhor Dr. Adalbert Bezenberger, director do Prussia-Museum, percorreu em missão official de estudo, varios museus d'antiguidades da Europa e da America, sendo o desta Associação um dos indicados no seu itinerario.

Na sua visita ao nosso museu foi recebido pelo conservador da bibliotheca, que lhe ministrou todos os esclarecimentos que desejou obter, fornecendo-lhe, com a devida auctorisação, algumas illustrações do nosso boletim e os numeros do texto correspondente, além de outras publicações desta Associação, que mostrou empenho de possuir para servirem de subsidios ao seu relatorio.

Manifestou o sabio professor o seu reconhecimento a esta Sociedade, com palavras de louvor, por lhe ter facilitado as informações pedidas e o exame minucioso de varios objectos que lhe mereceram especial interesse.

Ao retirar-se elogiou esta Associação pela sua perseverança e dedicação em reunir objectos de merito archeologico e subido valor para o estudo comparativo.

Com o mais vivo prazer desta Associação, foram consignados votos de sincera congratulação pela elevação do nosso dignissimo Presidente ao pariato, assim como pela sua nomeação a Vice-Presidente da Camara Alta.

Bem merece S. Ex.^a pelas suas elevadas qualidades e nobreza de character estas altas provas de apreço e confiança do Augusto Chefe do Estado, e as nossas manifestações de regosijo por este facto, como prova d'estima que lhe dedicamos e de reconhecimento pelos muitos e importantes serviços que lhe devemos; serviços inapreciaveis pela dedicação, desvelo e boa vontade como têm sido prestados, como o que acaba de fazer ultimamente conseguindo mais um, de superior importancia e valia para esta Sociedade, obtendo com a sua costumada solicitude e reconhecida efficacia, dos poderes superiores auctorisação para que o nosso Boletim seja impresso numa typographia do Estado.

O senhor Felix da Costa, nosso socio benemerito, fez entrega dos retratos que obsequiosamente executou dos senhores Conde de S. Januario e Valentim José Corrêa, presidente e vice-presidente que foram desta Associação, a que prestaram, com muita solicitude, bons e importantes serviços.

Como todas as telas daquelle distincto artista são de perfeito acabamento e notavel parecença aquelles retratos; merecendo porém especial attenção o de Valentim Corrêa, que representa um habil e intelligente esforço que conseguiu tirar duma pessima photographia, fidelidade de feições, verdade no olhar e exactidão de colorido!

Tirado do natural não seria mais perfeita a semelhança!

Foi um triumpho que veio mais uma vez confirmar a reputação artistica do nosso consocio a quem sinceramente felicitamos.

Não foram inaugurados aquelles retratos durante o periodo da nossa gerencia por não ter sido o Conselho prevenido pelos socios encarregados de elaborar os elogios, que devem ser lidos por essa occasião, de terem concluido esses trabalhos.

Como representante da Associação, foi a mesa convidada por varias corporações a assistir a solemnidades, exposições e outras demonstrações festivas a que procederam.

Esta prova de boa união e confraternidade não pôde deixar de ser grata e devidamente apreciada pela nossa Sociedade; por isso o Conselho dá com prazer conhecimento deste facto.

O nosso digno Presidente offereceu a medalha em prata, modelada pelo cunho existente nesta Associação, destinada, como foi votado por esta Sociedade, a ser entregue em sessão solemne ao socio o senhor Francisco Marques de Sousa Viterbo em testemunho do alto apreço que merecem a esta collectividade os seus notaveis trabalhos archeologicos e serviços a esta Associação, que tambem lhe mereceram o titulo de benemerito conferido por aclamação da Assembléa de 4 do corrente mez.

O nosso consocio o senhor Eduardo Antonio Raposo, no empenho de prestar serviços á nossa Associação, está renovando, gratuitamente, os dísticos indicativos dos objectos existentes no nosso museu e presentando outros trabalhos calligraphicos de esmerada execução.

O Director do *Diario de Noticias*, o senhor Dr. Alfredo da Cunha, teve a gentileza de emprestar a esta Sociedade as gravuras dos cruzeiros que se estão publicando no Boletim acompanhados dos artigos do

senhor Dr. Sousa Viterbo, do que resultou uma economia para a nossa Associação, apesar das modificações necessarias e indispensaveis que foi preciso fazer-lhes.

Pelo senhor Silva Leal foi espontaneamente cedida a gravura representando o pelourinho de Turquel, existente no Museu desta Associação, e de que o mesmo senhor Leal deu uma noticia no numero 7 da «Nossa Patria» de 1 de Abril proximo passado e reproduzida no nosso Boletim, numero 6 do tomo X.

Pelo Ministerio da Guerra foram offerecidas á nossa Associação e postas á porta deste edificio duas lapides sepulchraes com brazões.

Estas lapides do seculo XVI vieram da igreja do convento de Chellas e pertenceram a sepulturas de duas Priorezas daquelle mosteiro.

Pelo nosso consocio o senhor coronel Malaquias de Lemos, que tem dado repetidas provas de interesse por esta Associação, foram offerecidos e mandados collocar no Museu os objectos seguintes:

O gargalo da cisterna que existiu no claustro do convento do Carmo; varios fragmentos de marmores e outras pedras lavradas encontradas nas demolições a que se procedeu por occasião das obras ultimamente effectuadas no quartel do Carmo.

Restos do antigo portal de entrada para o mencionado convento, e uma moldura de madeira com seu competente vidro para resguardo da copia em gesso do baixo relevo existente no sacrario da igreja de S. Domingos de Bemfica, offerecida a esta Associação pelo senhor Rosendo Carvalheira.

E os restos do catavento que pertenceu á torre da Igreja do mesmo convento do Carmo.

Por Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos foram offerecidos dois pilares e uma lapide sepulchral, encontrados numa excavação a que modernamente se procedeu no denominado pateo dos sargentos, sito no Campo de Santa Clara n.º 172.

No officio que acompanhou aquella dadiva, posta no nosso museu a expensas do nosso prezado socio, explica elle, e fundamenta a razão por que deveriam ter pertencido ao Convento de Santa Clara, destruido pelo terremoto de 1755.

Por proposta do senhor Gabriel Pereira feita ao Conselho, foram pedidas ao Enfermeiro Mór do Real Hospital de S. José e annexos, o senhor Dr. José Curry da Camara Cabral, tres columnas de marmo-

re, duas bases e dois capiteis pertencentes a duas dessas columnas, e duas talhas de barro vidrado muito antigas, o que tudo pertenceu ao convento de Santa Martha.

Pela amavel annuencia de S. Ex.^a ao pedido desta Associação, acham-se já em exposição no nosso Museu aquelles objectos, em bom estado de conservação, exceptuando uma das columnas que está incompleta.

O nosso socio effectivo o senhor Dr. Arthur Lamas, distincto numismata, fez presente a esta Sociedade, para o seu medalheiro, de sessenta e oito moedas de cobre e uma de prata, portuguezas, de diferentes reinados.

Devido aos bons officios do nosso prestante socio o senhor Dr. Camara Manuel, inspector dos edificios publicos, foi dada a esta Sociedade, pelo Ministerio das Obras Publicas, uma estante envidraçada.

O senhor Mena Junior, nosso dedicado e muito prestante socio, offereceu uma copia em gesso da inscripção do Cruzeiro das Larangeiras.

O nosso socio correspondente, o senhor José Pinto da Silva Ventura enviou a esta Sociedade a photographia da casa onde nasceu D. Frei Caetano Brandão.

O Digno Par do Reino e erudito escriptor o senhor Anselmo Braamcamp Freire teve a amabilidade de dar para o nosso museu uma campá com inscripção e brazão d'armas.

Esta loisa era pertencente á sepultura de Fernão Lopes Corrêa, Guarda Roupá de El-Rei D. Manuel.

Pelo senhor Rosendo Carvalheira foi emprestado um cylindro de pedra destinado a consolidar os entulhos que foram aproveitados para nivelar o terreno da parte deste edificio que se acha a descoberto.

O Conservador da Real Bibliotheca Municipal do Porto, o senhor Antonio Augusto da Rocha Peixoto, offereceu a esta Sociedade onze photographias representando alguns dos aspectos da antiga installação do Museu daquelle Municipio, antes de transferido para as novas dependencias da Bibliotheca do referido Municipio.

Todas estas provas de benevolencia, obsequios e serviços foram devida e opportunamente agradecidos, e de novo aqui reiteramos em nome desta Sociedade a expressão de reconhecimento a todos que se interessaram pelo desenvolvimento e prosperidade da nossa Associação.

Durante o corrente anno foram nomeados seis socios effectivos e um correspondente.

Com pezar do Conselho, despediu-se desta Associação o senhor Manuel Joaquim de Campos, que sempre recebeu desta corporação as provas de estima e apreço que lhe eram devidas.

Como está estabelecido nesta Sociedade desde o seu inicio, tomará a Associação conhecimento das receitas e despezas effectuadas no corrente anno pelas contas que o nosso digno Thesoureiro apresentará opportunamente.

Circunstancias especiaes obrigaram o Conselho a exceder as despezas ordinarias, sem comtudo ir além das forças do cofre, que mantem um saldo de reserva como se verificará pelas contas alludidas.

Com a mais profunda magua regista o Conselho o obito dos seguintes socios:

General Augusto Bon de Sousa, militar distincto e esclarecido.

Affirmou a sua aptidão em variadas commissões que desempenhou por ordem do Ministerio da Guerra.

Quando foi nomeado nosso socio, já a sua deteriorada saude não lhe permittiu tomar parte activa nos trabalhos da Associação e prestar-lhe os serviços que eram de esperar da sua robusta intelligencia.

Conde de Thomar, um dos vultos mais insinuantes e sympathico da nossa sociedade aristocratica!

Typo de gentilhomem, inquebrantavel na correcção do porte, affavel e igual no trato social, esmerado na cortezia e delicado por natureza, captivára a estima e consideração de todos que tiveram occasião de o apreciar e de admirar os elevados dotes da sua nobre alma, a sua solida illustração e a fidalga bizzarria das suas acções, tão naturaes e conformes com o seu animo, que nunca a ostentação ou o alarde as escoreceu!

De seu pae, o illustre Marquez de Thomar, estadista portuguez de maior vulto dos tempos modernos, herdou a admiravel energia de vontade e a força prodigiosa de actividade e de character!

Como politico affirmou no parlamento a independencia e rectidão dos seus principios, com aquella altivez de coração que é o attributo dos homens de bem!

Como Ministro Plenipotenciario representou digna e proficientemente o seu paiz, honrando o nome portuguez e mantendo o brilho do seu elevado cargo.

Sem quebra dos seus deveres soube merecer a estima e consideração dos soberanos dos paizes onde foi acreditado, consideração que

não só se traduziu nas honras que lhe foram concedidas, como em demonstrações significativas de affecto daquelles Soberanos.

Bacharel formado em philosophia, tendo percorrido os mais importantes paizes da Europa estudando monumentos historicos, artisticos e archeologicos; sabendo ver e apreciar; sobrava-lhe a competencia para acompanhar os trabalhos desta Associação.

Conselheiro João Read da Costa Cabral, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra; commendador de varias ordens e Governador Civil aposentado, tendo servido nos districtos de Santarem, Portalegre e Leiria esse alto cargo que honrou pela rectidão da sua justiça, sabia administração, desvelado zelo no cumprimento dos seus deveres e pelo interesse dos seus administrados que tiveram repetidas occasiões de admirar os dotes da sua incontaminada consciencia, o alcance da sua aptidão e a elevação do seu character inconcusso!

De animo esclarecido, circumspecto e sensato, era modesto e essencialmente concentrado! Na intimidade dos seus amigos revelava a extensão da sua illustração e o seu espirito fino e humoristico sem sombra de mordacidade que trahisse a sua esmerada educação.

Foi nomeado nosso socio correspondente em 1865, depois de haver offerecido varios objectos para o Museu desta Associação.

Como o seu irmão, o Senhor Conde de Thomar, não lhe falleciam meritos para tratar dos assumptos que se tem ventilado nesta Sociedade; porém estes dois socios nunca concorreram ás Assembléas desta Associação a tomar parte nas suas lidas; sem embargo é a sua memoria bem digna da nossa veneração, e por muitos titulos da saudade indelevel dos seus amigos!

Não vimos trinar louvores e exaltar a memoria destes dois socios! Nada mais baixo, nada mais abjecto do que a lisonja!

Vimos, sim, impellidos por um dever imperioso prestar preito e fazer justiça á memoria de dois homens de bem! Nada mais elevado, nada mais nobre do que a Verdade!

Pela morte da Mãe do nosso socio o Senhor João Rodrigues Fernandes, foram votados sinceros sentimentos, assim como pela do Pae do nosso consocio o Senhor Antonio Cesar Meha Junior e pelo fallecimento da Mãe do membro desta Associação o Senhor Ventura Terra.

Términa o Conselho o seu succinto e despretencioso relatorio dando com satisfação conhecimento á Assembléa que continúa progredindo o numero de visitantes ao nosso Museu.

Não é, por certo, o interesse material que possa auferir a Associação dessa concorrência que nos desperta esse sentimento de satisfação; mais elevadas, mais nobres, mais dignas da illustração de seus membros e conformes ao seu fim são as aspirações desta Sociedade: dilatar o horisonte intellectual e enriquecer o espirito publico, para que reconheça na sciencia moderna os tropheus das suas brilhantes conquistas, e concorrer para desfazer os erros e prejuizos da ignorancia; escolho da liberdade e da dignidade humana!

Sala das Sessões do Conselho Facultativo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 28 de Dezembro de 1905.

Augusto José da Cunha.

Rosendo Carvalheira.

João Verissimo Mendes Guerreiro.

Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.

Caetano da Camara Manuel.

Gabriel Pereira.

José Joaquim d'Ascensão Valdex.

Antonio Cesar Mena Junior.

Eduardo Augusto da Rocha Dias, secretario.

Visconde da Torre da Murta, relator.



AZULEJOS

(Continuado do n.º antecedente).

A historia dos azulejos é pouco conhecida e pouco tambem se tem escripto sobre tal assumpto; desejo, porém, de fornecer aos meus leitores todos os dados que, sobre azulejos, pude colher, vou, com a devida venia, transcrever uma interessante memoria sobre o assumpto, que foi publicada no semanario «Engenharia e Architectura», da qual é auctor o meu esclarecido amigo o Ex.^{mo} Sr. Conceição Gomes, muito justamente considerado um distincto archeologo, e onde se pôde considerar tratada a *descripção e classificação dos azulejos*.

«Pouco conhecida e relativamente pouco estudada têm sido, no nosso paiz, a historia dos azulejos, comquanto os architectos, desde longa data, delles se servissem para revestimento e decoração das paredes dos templos e dos palacios. Na idade media empregaram-se tambem nos pavimentos das egrejas, formando graciosos desenhos que constituam um lindo mosaico. É certo, porém, que em nenhuma época este modo de decoração se desenvolveu tanto como na Hespanha e em Portugal especialmente desde a dominação dos mouros que, de ordinario, revestiam as paredes e os pavimentos de suas casas com azulejos esmaltados. No palacio real de Cintra que, sem duvida, foi uma das suas predilectas habitações, ha uma sala literalmente azulejada, alternadas as côres verde e azul; tambem ali se encontram azulejos de côr azul, cujos desenhos são esferas armillares: uns e outros tem a superficie lisa. Relevados e com reflexos metallicos ha em Mafra, na igreja da velha freguezia, uma bella collecção de pequenos quadrados, em flores de côres, esmaltados, com que se revestem dois altares.

Não são esses os unicos no nosso paiz; encontram-se em toda a parte, nas cidades, nas villas, mesmo nas aldeias, quer nos palacios, nas casas de campo ou nas egrejas: nestas, passagens da biblia e das vidas dos santos, naquelles, paisagens, scenas de caça ou allegorias.

Observa Raczynski que o desenvolvimento da arte dos azulejos está tão intimamente ligado á dominação mourisca na Peninsula que,

em portuguez, quasi todas as palavras que tenham referencia com a ceramica são de origem arabe.

Ad. de Ceuleneer, durante a sua estada na Peninsula, estudou esta questão, e em 1882 publicou o seu trabalho — *Portugal — Notes d'art et d'archéologie* — e diz o seguinte:

«Desde a mais remota antiguidade, as paredes dos templos e dos palacios eram revestidas de quadrados esmaltados. No Louvre e no Museu Britannico acham-se bellas collecções desses ladrilhos, provenientes de Ninive e de Babylonia. Nas ruinas de Warka vêem-se paredes revestidas de cubos de tijollo de 3 $\frac{1}{2}$ pollegadas de largo, matizados nas côres encarnada, branca e preta, cuja variada disposição constitue um verdadeiro mosaico. Todos os povos antigos se serviram deste genero de revestimento, empregando desenhos de figuras de animaes.

Na edade media serviram os quadrados esmaltados para o pavimento das egrejas, formando, pela reunião delles, desenhos geometricos muito graciosos; mas em nenhuma epoca, e em paiz nenhum, este modo de decoração se desenvolveu tanto como na Peninsula iberica, desde o tempo da dominação mourisca; e ainda hoje são de uso frequente nas provincias meridionaes.

Na Hespanha ornam-se de azulejos os pateos e as paredes no interior das casas. Os mouros ordinariamente revestiam a parte superior das paredes com ornatos de estuque polychromados, sendo os soccos e os pavimentos cobertos com azulejos.

Em Portugal são elles mais geralmente empregados; encontram-se por toda a parte, nas fachadas das casas e no interior dos edificios; na Sé Velha de Coimbra, as columnas da igreja são com elles ornadas de alto a baixo. Póde affirmar-se, com Raczynski, que os azulejos constituem, em parte, a physionomia de Portugal; e os mais antigos distinguem-se por seu reflexo aureo avermelhado, que é de grande vivacidade nos productos das fabricas de Valença e de Majorca, sendo menos côrados os das fabricas de Andaluzia. É duvidoso que em Portugal se fabricassem azulejos de reflexos metallicos; os que se encontram são provavelmente de origem hespanhola.

Poucos dados se possuem sobre a composição deste esmalte que pertence á epoca mourisca. Um documento do Museu Britannico, publicado por M. Riaño, declara como se fabricaya esta faiança no seculo passado em Manises, proximo de Valença, sendo de suppôr que esse

fabrico não tenha tido differença sensível depois daquella época. A massa, dada a primeira cosedura, era coberta por um verniz branco e esmalte dourado; feita a segunda, cobria-se com o esmalte, e era então submettida a uma terceira cosedura. O esmalte obtinha-se por meio de um composto de cobre muito usado, de prata, de enxofre, de almagre, (partes eguaes) e de vinagre. Por um outro documento se mostra que a composição do esmalte fabricado em Muet, proximo de Saragoça, era analoga.

No fim do seculo passado tratou-se de imitar a *loxa dorada* de Manises, nas fabricas de Santo Izidro, e na do Bom Retiro fundada por Carlos III (1759) onde se fizeram porcelanas destinadas aos revestimentos das paredes, ornadas de representações as mais caprichosas; encontram-se bellos exemplares desses productos no palacio real de Madrid, de um colorido azulado, e em uma sala *El Gabinete* no real sitio de Aranjuez.

Bem difficil seria classificar actualmente os azulejos, segundo as diversas fabricas donde saíram; é de suppor que se produziam em quasi todas aquellas onde se faziam diferentes peças de olaria; ha meio, porém, de os distinguir conforme os motivos de sua decoração e a differença do seu esmalte, e podem, por este modo, estabelecer-se diferentes classes.

Os azulejos hispano-mouriscos com reflexo metallico, que são os mais bellos e mais antigos, cujos desenhos não apresentam scenas fantasiosas, e debaixo deste ponto de vista são menos artisticos de que os dos seculos posteriores, mas muito mais decorativos, e mais em harmonia com o seu destino; seguem-se a estes os *aguarelados*, ornados de desenhos de côr azul escuro sobre fundo branco, procedentes da faiança de Delft (17.º e 18.º seculos), e os que se fizeram sob a influencia italiana, nos quaes predomina, ordinariamente, a côr amarella, e, finalmente, os azulejos com desenhos em relevo e reflexo metallico, que são uma transformação dos mosaicos bysantinos e, em especial, do *opus alexandrinum*.

(Continua).

